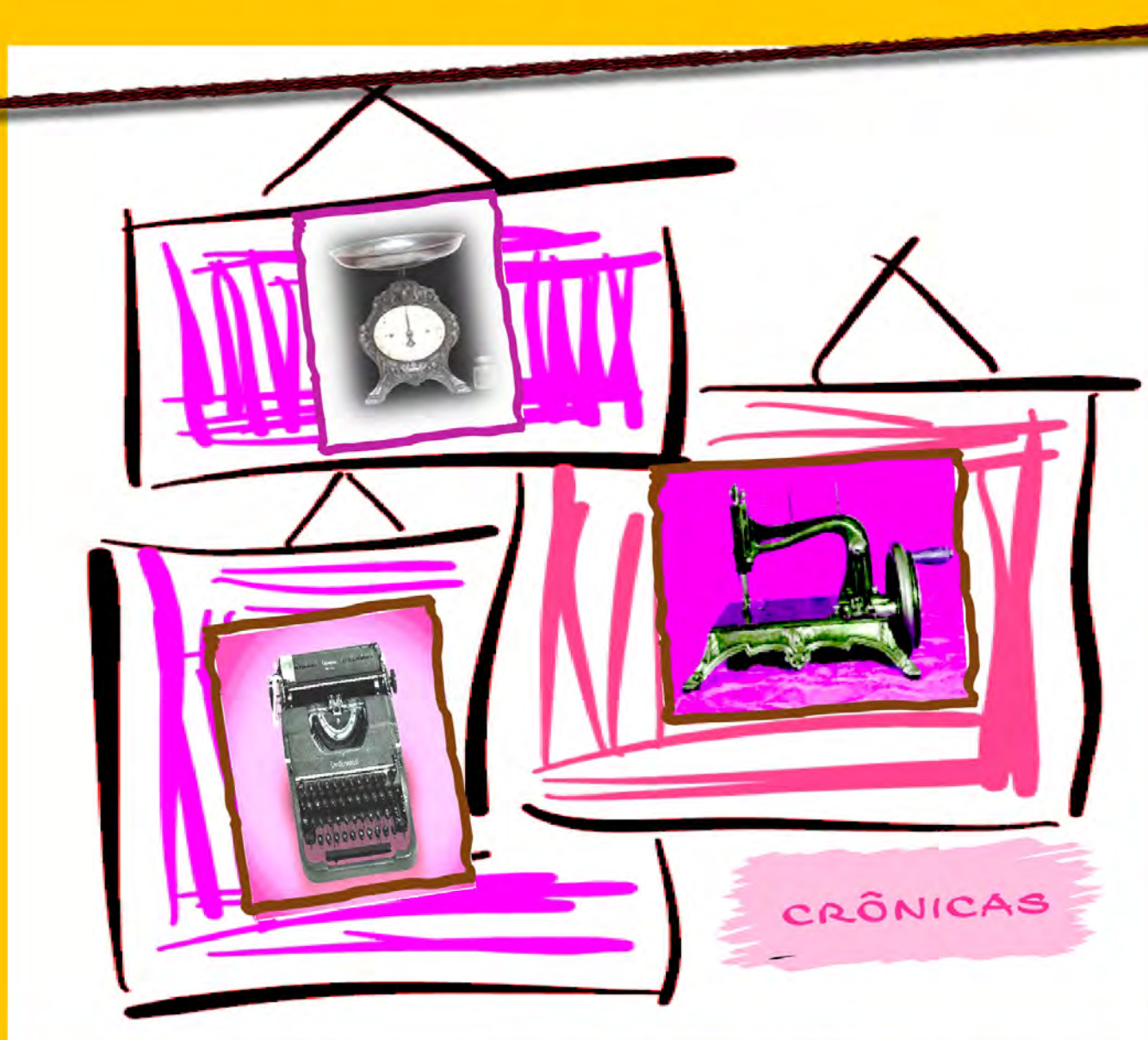


O ECO DOS cabides da memória OBJETOS



Tânia Du Bois

O ECO dos
CABIDES DA MEMÓRIA
OBJETOS

O ECO dos CABIDES DA MEMÓRIA OBJETOS



Tânia Du Bois



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Tânia Du Bois: projeto gráfico, fotos de objetos do acervo de Miguel Guggiana; cadeira de balanço dos anos 1950, da família Du Bois.

Pedro Du Bois: revisão.

Tânia Du Bois: capa, desenho de Júlia Du Bois; fotografias do acervo de Miguel Guggiana, no Projeto Passo Fundo.

D815a Du Bois, Tânia

O eco dos objetos [recurso eletrônico] :
cabides da memória / Tânia Du Bois. – Passo Fundo :
Projeto Passo Fundo, 2016.
1,13 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-191-9

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

*Ao Pedro,
que gosta de construir pensamentos
como se fossem objetos do mundo.*



SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
O ECO dos OBJETOS	13
CABIDES da MEMÓRIA	63
VALISES	125

PREFÁCIO

Texto preliminar, prólogo: um convite para dizer da conversa de Tânia sobre a alma dos objetos, cheios de possibilidades. A primeira ideia a me visitar foi de Bachelard: a poética do espaço. Digo, por semelhança do livro de Tânia: a poética dos objetos. Bem maior que a ideia, foi o sentimento a partir das primeiras palavras: Meu Deus, que loucura dessa mulher.

Ou será o Senhor dos movimentos, das forças, da explosão, da criação exuberante a conceder, nessa escritura, seu poder humano. Sou mais quieto e até de uma melancolia germânica, de um caráter quieto. Só pra ver, então, o quanto a exuberância das coisas propõe nesta obra.

Sob o olhar de Tânia uma cadeira, um liquidificador, uma valise, um cartão possuem alma. Ela, sopro divino dos objetos, é recuperada pelas ilações trazidas. Super textos se agregam em solidariedade. Descobrem-se, nestes ecos, nas memórias brilhantes, lembranças iluminadas. Tânia contribui para a criação de uma história poética e, também, esclarecida do cotidiano. Quem lê saberá: sai diferente deste rio: um batismo do sagrado patrimônio de nossas coisas. Elas se ocultam assustadas pelo barulho estúpido, pela liquidez bárbara da modernidade. A autora as toma nas mãos devol-

vendo seus sentidos. A complexidade, advinda dos objetos, feita de carinhos, vínculos insuspeitados, mostra, então, o poder da coexistência. Cada texto uma parábola. Tânia diz de um eco, outros se aventuram nas lembranças associadas. Nem bem diz a palavra cadeira e outras, de formas diferentes, chegam de casas antigas. Os viventes tomam acento e elas suportam, silenciosas, o peso dos falantes. E tem muito mais, e entram na conversa mil autorias, cada qual revelando suas visões sobre o objeto em questão. Uma esquizofrenia, não fosse a poesia e o esclarecimento, às vezes intrigante, de quem se aproxima da infinitude. Tânia transcende. Transcendem as companhias, na aventura tanina.

Me comovem os objetos em Tânia e em Pedro e outros mais: no silêncio da leitura a alma leitora não fica mais a mesma.

Me admira sobremaneira (termo velho como eu) as feições e as afeições multiplicadas em cada objeto. Reverberam imagens junto da autora, novos ecos. A chama exuberante de Tânia ilumina o que não era visto. Chama, então, outras versões sobre sua imagem; os objetos se transformam em uma loucura de hinos, canções, frases, interpretações, explicações e nada é completo: nada que uma leitura não possa dizer mais. Tânia teve a propriedade de me levar aos sentimentos em museus. Um brinco de mulher etrusca, os Cavalos em São Marcos, uma estátua romana me tornam quase infinito. Tânia faz o mesmo. Ela me envolve na imensidão.

Por vezes, Tânia senta quieta, explica, reflete, informa. Sempre, porém, em solidariedade, comunga com outros a sua verdade e dela se serve, deixando a outros a fala.

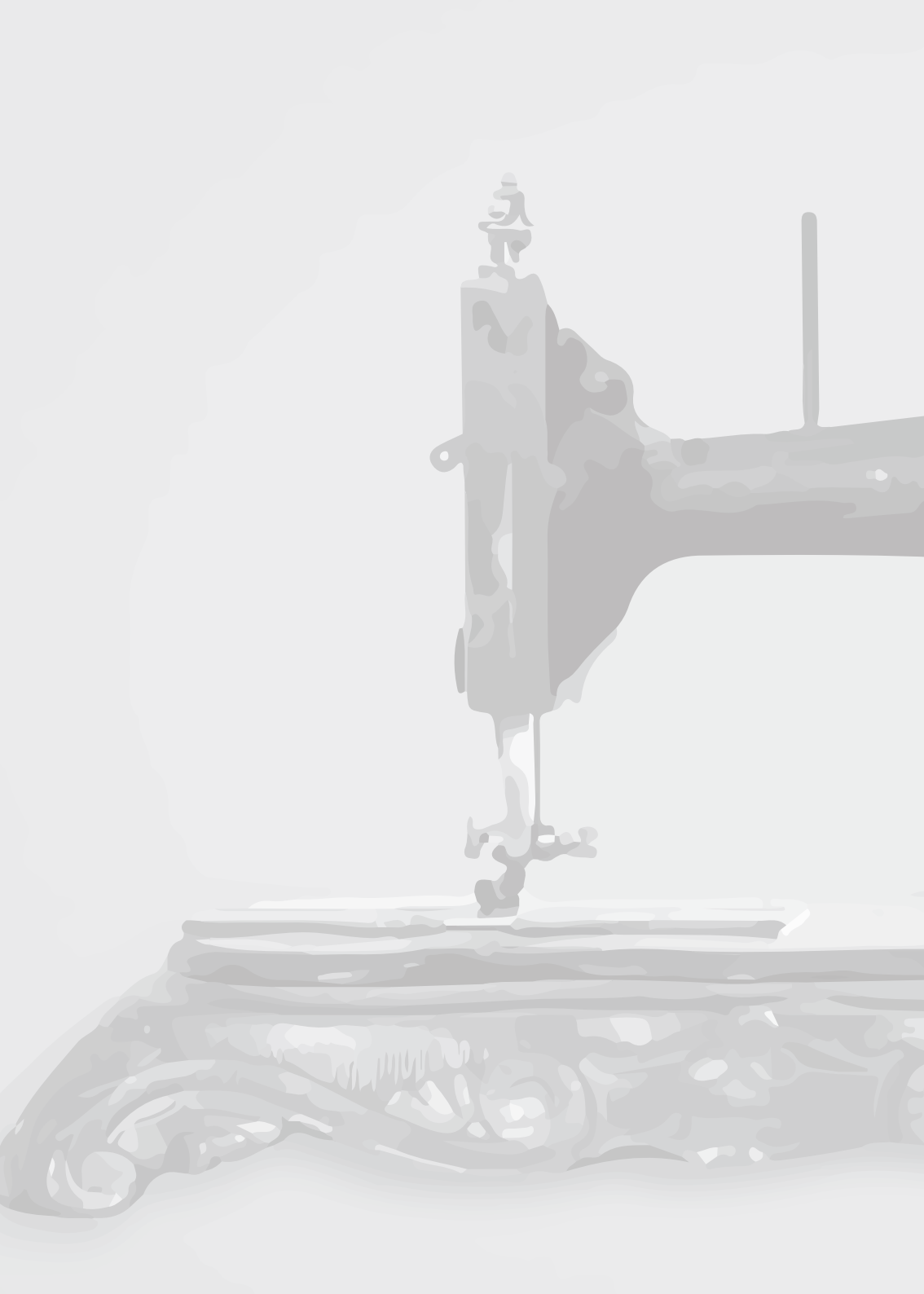
Espero que esta pequena introdução aos objetos admiráveis de Tânia faça o mesmo com você.

Com licença, vou retomar alguns textos: a alma tem sua grandeza, seu peso. A alma é pequena pra carregar tudo. É muita magia de uma vez.

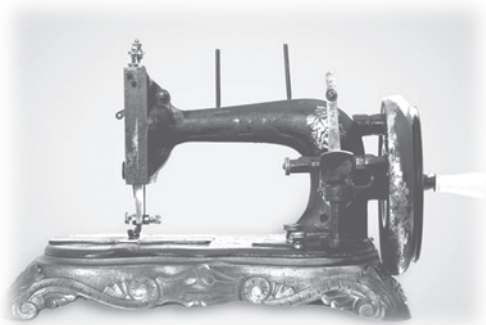
Depois vou entrar em minha quietude, deixando a corrente sanguínea de meu ser tomar conta da narrativa. Me transformo em valise ou em mascate. Ofereço o saber de Tânia.

Agostinho Both

**Escritor, professor, administrador universitário,
membro da Academia Passo-Fundense de Letras.**



O ECO dos CABIDES DA MEMÓRIA OBJETOS



Os objetos são ecos do mundo cotidiano. Eles existem para o olhar, o coração, o pensamento e funcionam como cabides da memória, porque para cada pessoa o objeto revela algo diferente.

o eco dos OBJETOS



“Acredito que os objetos têm alma e personalidade e, por isso, podem traduzir diversos modos de vida”.

(Carolina Ferraz)



o OBJETO

"O objeto // Mudará o objeto? //... Que outros objetos / Guardarão lembranças.../ Do tempo afeito / A novas mudanças?"

(Antônio Olinto)

De cada cidade que visito sempre trago uma lembrança, um objeto para me reportar ao lugar por onde passei. Ao olhar para ele percebo o lugar e registro o nome e a história. São momentos para ter inspirações e sentir novas sensações, sem limites. Costumo dizer que a escolha do objeto vem ao encontro da minha essência, como se fosse um retorno às origens. Dentro desse espírito, o valor simbólico do objeto é a ilusão da vida. Nas palavras de Pedro Du Bois, *"... humanizamos as coisas e os objetos, até que eles se confundam conosco e nos integrem em seus novos mundos..."*

Para meu bem viver, redescubro o livro como valor do objeto, que traz a viagem para dentro de casa com mistério onde vou descobrindo os segredos de cada lugar. Experiência essa que faz intercâmbio com a literatura, permitindo-me mergulhar em um mundo de novas possibilidades e aventuras. Hoje, as cenas da minha vida se passam através das obras que encontro: *Os Objetos Difíceis* de Alexandre Ro-

drigo da Costa, "... *Os objetos continuam / a eleger / a dor / mais improvável...*"; *Os Objetos e as Coisas* de Pedro Du Bois; *Objetos Inquietantes* de Nicolau Saião, "*As coisas multiplicam-se / muito mais que as pessoas. Só elas / possuem o segredo... / as coisas repousam / ou subitamente iluminadas / gritam e falam-nos com movimentos...*" E, em Antônio Olinto, com o poema, *Deus Mora no Objeto*, "*O objeto existe. / Existe e marca existência no espaço. //... O objeto, visto por todos, mostra sua pureza do ser. // ...O mundo flui e reflui, deles e para eles, objetos e homens. //...Nesse movimento de posse e de amor, o homem começa a colecionar objetos / Surge, então, entre o homem e cada objeto colecionado, um novo relacionamento...*" Tais obras simbolizam característica única, verdadeiramente especial; minha escolha no momento da aquisição, com que marcam a ocasião.

O objeto não se esgota na compra e fica cada vez mais próximo de mim; vira parceiro e companheiro, porque na minha solidão falo com ele e o conservo para vê-lo no amanhã. O que poucos imaginam é que o objeto traz consigo minha carga emocional vivida nos passeios. De certa forma renova o meu coração e, ainda, me possibilita viver com as lembranças. Tenho uma condição, conviver com as pequenas coisas sem precisar me transformar em objeto. Com essa condição, busco nos objetos, apenas a identificação, como tradução da vida. Agostinho Both demonstra, "...*Sr. Richtich lhe cedeu o machado, antes que aquele homem alegre chorasse, tanta era a falta que lhe fazia aquele objeto!...*"

PLACAS

Pedro Du Bois pergunta, "... escrevia "placa" ou "cartaz". Será que há alguma diferença entre uma palavra e outra? Não caberia aqui tentar estabelecer a diferença gramatical – ou de dicionário - entre uma e outra?..." Desde tempos remotos, usam-se placas para anunciar e informar. A placa demarca o colher e o cultivar. Está relacionada à cultura e faz diferença quando transmite ao leitor consumidor o seu real sentido, por que os leva a entender e conhecer o que está anunciado. Claro, se estiver escrito corretamente. Erros gramaticais nas placas são vistos como falhas no processo de desenvolvimento do local onde são encontradas, a embaraçar bruscamente a visão. Como diz Helena Rotta de Camargo, *"A tentativa de abrir a porta do sucesso, com uma chave falsa, acaba por emperrá-la definitivamente"*.

A pergunta a ser feita é: o que mudou? Foi o grau de instrução ou a formação cultural de quem faz as placas e não consegue escrever corretamente nelas? Não há como sustentar erros de grafia. É preciso apostar na manutenção cultural. Também não dá para insistir na tese de que tudo é válido, como se fosse "detalhe esquecido e não lembrado"; impossível por que dissemina a ideia de um mundo jogado ao mercado capital, sem preocupação cultural.

Na placa, o importante é que seja transmitida a mensagem em corretas palavras e sentido, para que se faça compreensível na leitura das pessoas. A presença do produto anunciado ou a indicação e a informação seja, de fato, a representação fiel e clara do seu propósito inicial. As linhas do desenho, juntamente com as palavras, devem significar o anunciado e, ainda, demonstrar reflexo cultural; a placa é oportuna demonstração de nova e ampla consciência global, dando sentido à inquietação ou satisfação com o que pretende representar; caso contrário, mostra indevida coexistência com o precário em cada palavra mal escrita; como expressa Helena Rotta Camargo, *"Deus me livre conviver com a nudez intelectual, os sonhos mirrados... / Nessa desordem, o que haverá para regalar-se ou saciar o ímpeto dos sentimentos?"*

Quando olho e leio o conteúdo da placa, percebo ser cada uma a porta-voz do povo, cartão de visita, espelho cultural. No entanto, certas placas demonstram o quanto, ainda, precisa-se percorrer até que a ignorância, seja efetivamente, erradicada. Assim, *"Na compra de um coxão ganhe um trabeceiro de brinde"; "Todos os produtos desta mesa contém glúteos na composição"; "Panetone Pulmão"; "Roupas de inferno infantil"; "Frango bovino" (Coisas do Brasil/maio/2015).*

Atualmente, vive-se num mundo digital, onde tudo acontece rápido e as pessoas estão sempre atualizadas, ligadas nas notícias em tempo real. Aí, precisa entrar a consciência em "denunciar" ao órgão responsável a necessidade da correção das "palavras indecifráveis" nas placas; conviver com os procedimentos para prevenir e ajudar a combater esse problema cultural, alertando-se para garantir "a mão que escreve" e contribuir para a correção da escrita nas placas.

GAIOLAS

para Marina

Gustavo Abreu escreveu que *"Um pássaro na gaiola é a própria imagem da agressão à natureza. A ave que não voa canta de tristeza..."* Vivemos engaiolados em nossos sentimentos, obrigações e conflitos na correria diária.

As gaiolas existem dentro de nós como algo conquistado, o sonho que não se libertou no tempo. Mas, nada nesse tempo é verdadeiro, porque tornamos estranho o contato que mantemos ao estabelecer o dia seguinte. Nas palavras de Danilo Neuhaus, *"Acostumamo-nos a viver como pássaros, embora não percebamos. Muitas vezes como expressão "livre como um pássaro", muitas vezes presos às gaiolas que formam em torno de nós e que até ajudamos a construir"*.

Confesso não ser fácil nos livrar das gaiolas, elas se apresentam como sombras, fossem a relação definida entre a liberdade e a responsabilidade - forma de aproximação que nos atrela cada vez mais à gaiola. A maneira que nos conduz ao ideal numa viagem sem fim, como se resumisse a nossa vida entre aspas, paredes, e sem projetos, apenas esperando pelo reflexo do tempo, como demonstra Domingos

Pellegrini em *Gaiola Aberta* "... Mesmo em céu cinzento / voar será bom / depois de tão lenta / engaiolação..." e Pedro Du Bois em seu livro *A Casa das Gaiolas*.

O tempo passa e os ventos mudam. Diariamente vejo cenas diferentes que contrapõem ideias e ideais em sim e não. Construímos nossa gaiola e, por vezes, ela conduz a uma vida sem palavras e sem lágrimas, em que olhamos o horizonte ser engolido pelo cotidiano. Situação que se torna comum em nosso viver se não encontrarmos uma porta para atravessar o tempo, sem estremecer o sonho.

É possível, na felicidade com que atravessamos a porta, encontrar a liberdade que nos permite retomar o pensamento sobre os sonhos e abrir caminho para a realização pessoal na revelação do estado da alma.

Vivo à sombra de minha gaiola, vez que escolho meu destino e dou ao tempo o sabor de superação. Surpreendo-me pensando no amanhã ao rever as preocupações e a determinação com que reconstruo a esperança.

As gaiolas são sombras onde tecemos o nosso lugar com muros e sem espelhos para refletir a nossa história. Seleciono as escolhas de acordo com o momento, porque há coisas que faço por que nelas acredito, como encontro em Mia Couto, "*Não esqueço nunca os rostos iluminados por um mágico encantamento, não esqueço o olhar dos que construíram aquele momento*".

de pó em palavra: COADOR

De pó:

os grãos de café passam por seleção eletrônica e, em seguida, por escolha manual, onde o café é selecionado no intuito de certificar a sua qualidade. Este é o segredo do café. A Internet também é um coador que seleciona escritores e textos. Creio que a possibilidade desse refinamento deve-se à visível demonstração de que a literatura continua viva e mantém, talvez por isso, seu progresso cultural de ser e de se manifestar. A técnica parece buscar a essência da contenção, na medida em que cristaliza na organização de textos com expressões de inesperadas significações, como em Márcia Maia: *"não eram meus olhos de bruma / que se refletem / na xícara de café / ora ausentes, ora baços..."*

Em palavra:

ao selecionar vem com um véu defendendo a palavra rica e expressiva, restituindo a realidade, desmontando a farsa e ainda com a pretensão de ser contundente.

Revela talentos. É máquina poderosa, porque constrói "estradas", com clareza e explicitude, ligando a nova linguagem, concentrada no sentido de revelação do ser. Reúne escritores e harmoniza leitores pelo exercício de olhar e,

nessa variedade, é influência que diferentes leitores detêm ou são detidos pelo coador de matérias, desvendando o nível do inusitado e do suposto que, filtrados pela imaginação criadora, ganha novas formas.

A Internet é coador por onde passa-passará a literatura indo ao encontro das palavras com sentido, onde aumenta e diminui a interferência do escritor e do leitor na liberação de todos os sentidos, de um universo de imagens; diálogo que o escritor consegue, na revelação e no reflexo, através da linguagem criativamente apresentada. Alexandre E. Weiss escreveu que “... *A internet, sem dúvida, mudou a forma de escrever e ser lido... É uma excelente forma de criar e ser visto. A possibilidade de integração e interação com pessoas em qualquer parte do mundo é fenomenal*”.

Juntar, buscar o sentido global que será uno para cada leitor. A internet é “livro” múltiplo, aberto e enriquecedor em sua proposta literária: decompor, separar, refletir, mas, antes de tudo, perceber – realidade e fantasia – as relações do homem *versus* texto *versus* leitura, para conviver em fascinante mágica, como seres que assumem novas formas literárias e revelam sua modernidade. Como descreve Márcio Almeida na crônica “Café com Letras”.

Coador:

coar significa filtrar... Tantas coisas, tantas palavras. Logo, lembro-me do café que combina com momentos de encontro, troca de ideias como no dizer de Hugo Mund Júnior, “... *cheiro de café / beijos enluarando a mesa / lá fora vela de canoa ao vento...*”

Café e cultura junto à internet alteram o paladar das nossas vidas, através das escolhas, descobertas e sedução, como nas palavras de Francisco Alvim: *"Olhar como se olham duas pessoas / meu café... / entre o desejo / e a lembrança..."*

PORTA (aberta para a poesia)

Convido para olhar através da porta, por onde a luz escapa. Procuo levar o leitor a invadir, encenar, sentir e saborear palavras que representam o palco de detalhes com criatividade, realçando o lirismo e a força da poesia. Então, abro a porta para espiarmos: Lêdo Ivo, "*Paredes têm olhos / Portas têm ouvidos.*"- "*E a vida vai se abrindo / em portas e janelas / como se fora flor...*" // "*Onde está a outra porta? // A porta que busquei /... é esta: aberta para a vida...*"; Orides Fontela, "*A porta está aberta. //... Para além do que é humano o ser se integra / e a porta fica aberta...*"; Mário Chamie, "*... nem se espanta /... se uma porta atrás da outra se desdobra...*"; Nei Duclós, "*Eu só preciso de uma coisa: / contar toda a verdade / e esperar pela resposta // repetir o verso em cada porta*". Os poemas latejam metáforas da palavra vida e que, ao abrir a porta, posso ver o nascer e a vida obstinada dos poetas.

A porta compõe a minha vida, resguarda o meu direito de ir e vir de forma harmonizada, porque nela reside a analogia com a linguagem e com a arte. Poetas são responsáveis por essa sinfonia, eles têm ritmo próprio, personalidade exclusiva, como o *design* de cada porta. Por exemplo,

a porta da frente traz a vibração e a alegria do poema, a porta do coração representa a abertura para os sentimentos e a porta dos fundos reflete o espírito irreverente da criação; como em Vinícius de Moraes, "*... Só a poesia pode salvar o mundo de amanhã... o povo poderá cantar seus próprios cantos, porque os poetas serão em maior número e a poesia há de vela*".

A porta dá passagem para quebrar as regras, reinventar o vocabulário e permitir que autores a apontem como se fosse uma grande estrela. A sensação está em abrir a porta e se deparar com a poesia de Mario Quintana, "*Todo poema é para mim... algo carregado de emoção. O tema é o ponto de partida para um poema e não o ponto de chegada, da mesma forma que a bem-amada é o pretexto para o amor*." E digo, viva a poesia! Sem ela não há liberdade para atravessar a porta e ouvir Paulinho da Viola, "*... Eu até achava inspiração / Quantas vezes eu cantava / Quando não podia nem falar / É que meu violão me ajudava / A trazer esperança / Dentro de um poema*".

segredos de LIQUIDIFICADOR

O som do liquidificador é “barulhento”. Luiz Coronel revela, *“Um liquidificador. / Aperta-se o botão / e entram em vertiginosa vertigem / palavras amargas / e juras com data vencida...”*

Imagino o aparelho batendo as palavras e os pensamentos viram segredos de liquidificador, com som de poesia, fazendo parte do meu cotidiano. Sim, porque letra e música se combinam de forma perfeita para os interessados na cultura, ambas desfilam poesias, como cantava Cazuza *“... pra poesia que a gente não vive / transformar o tédio / em melodia...”* e, encontro em Ofélia T. Baldan, *“A música é a poesia da alma / A poesia é a música no coração / nos mostra sutileza ao ouvi-la / emoção em sua composição”*.

Posso sentir a poesia no dia a dia, mesmo quando ouço os segredos de liquidificador. Mas, não perco a capacidade de analisar, avaliar os poemas e as palavras do momento, quando acredito que a força do mesmo se torna onda universal, presente em minha vida, como em Ronaldo Monte, *“Ao liquidificador // novo galo das manhãs //... de casa em casa / teu ronco prosaico / arranca //... do homem o melhor dos sonhos”*.

A música e a poesia podem ter mais espaço e consideração como cultura e, ainda, fazer parte da história para aqueles que gostam e querem conhecer e sentir a paixão pelas artes, ou pela magia da palavra, ou também pelo sentido do som na poesia, como traduz Jorge Luis Borges, "*Música da palavra ou magia da palavra, do sentido e do som na poesia... de fato, contribuem para a singularidade e a beleza.*"

A poesia trata a palavra em seu momento mais inspirado, no inteligente jogo de significado e significante. Segundo Milton Hatoum, "*A função da literatura na vida cotidiana de cada um é alimentar a alma. Ela nos conduz ao conhecimento de nós mesmos e dos outros.*" e, como cada um de nós ao ler um poema sente esse significado?

Se a poesia é instrumento da alma, não a posso deixar no silêncio que grita por espaço na literatura. Aí, de fato, digo que depende do modo como leio a poesia ou ouço a música; participo, vivencio momentos de emoção que despertam a minha atenção para se transformar em magia. Helena Kolody escreveu: "*As palavras tem sentido / num código particular. / Cada qual é singular / em sua maneira de ler.*" E Fernando Pessoa disse que "*Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma*". Muitas vezes me descubro moldada para escutar o som barulhento do dia a dia, onde leio o manual de sobrevivência e nada me acontece, sobrando apenas o som do liquidificador, sem segredos.

recados: o LIVRO

“*Os livros // É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir*”; em José Gomes Ferreira, com seu poema “*Os Livros*”, vejo que basta abrir um livro para ler as histórias que nele pousam... Ao descobrir o segredo, posso viver uma aventura, emocionar-me, aprender sobre a vida e ainda sonhar, como em Jorge Luis Borges, no *Livro dos Sonhos*, que me conduz ao mais antigo e complexo gênero literário no tentar definir os sonhos (da noite e do dia).

Uma das imagens que me vem à mente quando pego o livro é a revelação que as palavras armazenam, como em Manoel de Barros, no *Livro das Ignorâncias*. Ele diz que as palavras têm sedimentos e assim, posso redescobri-las. José Saramago, com sua obra, indaga: *Que Farei com Este Livro?* Para quem acha que os livros estão em desuso, que são meros objetos de decoração, digo que isso passou e faz tempo. O livro por si só é figura carismática e se estiver fazendo parte da minha vida, aí sim, não largo de mão o livro. Pedro Du Bois, em o *Livro Fechado*, convida para abrir o livro e refletir com fatos, cores e palavras.

Com o objetivo de revelar soluções criativas e ideias novas; saliento a importância em se abrir o livro, através dos seguintes recados:

Charles W. Elliot, *"os livros são os mais silenciosos e constantes amigos; os mais acessíveis e sábios conselheiros; e os mais pacientes professores"*.

Jorge Luis Borges, *"o livro é uma dessas possibilidades de felicidade de que dispomos"*.

Leila M. Barbosa, *"... Saber ler não é simplesmente ser alfabetizado. Saber ler é poder junto pensar com o autor, compreendê-lo e criticá-lo"*.

Marina Colasanti, *"o livro é algo que forma uma pessoa, que muda uma pessoa"*.

Oscar Wilde, *"é o que você lê quando não tem que fazê-lo que determinará o que você será quando não puder evitar"*.

André Maurois, *"a leitura de bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde"*.

O livro aberto me leva em silenciosa viagem ao mundo da poesia, do romance, do conto, dando-me asas para a liberdade. Abrir o livro é a justificativa da existência. Não abrir o livro é a não comunicação com o mundo, a negação do sonho e da possibilidade de conhecer a história do novo. E para você, o que significa um livro? Qual o seu recado para o objeto livro?

na MOLDURA da JANELA: a cor da flor

Da janela olho o horizonte: um jardim de primavera. Deixo meu rosto descrever a luz do campo dos girassóis, "... *Um campo de girassol / Parece um sol em poesia / Inundando de beleza / com seu amarelo ouro / Enche os olhos de alegria.*" (Helena Serena)

A primavera é como o girassol que envolve a todos com a sua imponência, com seu porte majestoso e resistente que produz a flor, compondo a paisagem. Da janela reitero o desejo de um horizonte inatingível, como expressa Orides Fontela, "... *variando de horizonte / porém sempre / audazmente fiel / fitando a luz intensamente...*"

Girassol: flor do sol que no jardim da primavera exibe alegria com cor e fantasia; sua intrigante rotação, sempre voltada para o Sol. O girassol é muito mais do que uma flor, parece o carrossel que gira transmitindo sentimentos, emoções e ritmo, como eu, sempre em movimento, sem parar de experimentar a vida. Nas palavras de Vinícius de Moraes, "*Sempre que o sol / Pinta de anil / Todo céu / O girassol / Fica um gentil carrossel //... Redondinho como o céu / Marelinho como o sol. // E o girassol vai girando dia afora...*"

Vejo a primavera como o girassol vivo e dinâmico, que olha para os lados, para frente e atrás, relembro a busca pelo novo e de como misturar a paisagem poética e a memória na tradução do lirismo; segundo Dalva Agnes Lynch, *"Corri a porta, mas não pude abri-la. /Tinha as mãos ocupadas / Carregando flores. / Joguei-as fora e abri a porta. / Do outro lado / Havia um enorme campo / de girassóis."*

A primavera é a estação que completa a paisagem, revela cores que por vezes alteram a condição humana, inusitada em flores de poesias, como na visão de Jorge Tufic, *"Desenho um girassol, / e o mundo todo / compreende,/mas não aplaude.// Escrevo um girassol, / e o mundo todo aplaude, / mas não compreende"*.

Emoldurar a paisagem é revitalizar as palavras de Luiz Coronel, *"Cada estação tem sua cena, que cabe numa moldura. A primavera é uma menina brincando de amarelinha..."* É sentir o bem e a beleza do jardim que vem do meu olhar, quando vejo o girassol sorrindo. No mesmo instante a flor vai se inclinando sobre o meu espírito. Sinto-me como quem sempre as contempla na moldura da janela: a cor da flor.

TELEVISÃO

*"... TV, pronome indigno, / não é nada, /
apenas ventania / no topo da escada".*

(Lêdo Ivo)

A sombra chega, entra nas casas e nos enlouquece com suas arquiteturas oscilantes; regride com os interesses pessoais e entre as fendas rouba-nos o sorriso e o tempo. Quanto mais brilho na tela, mais perdidos estão nossos sentidos. Leila Mícollis revela, *"Quando por fim dei trela / e disse:- use e abuse -.../ preferiste ver novelas..."* E, Nilto Maciel comenta, *"O povo gosta mesmo é de ação e intriga. Em razão disso, se dá a grande audiência das novelas de televisão".*

Uma voz do outro lado da tela pergunta: quem está me assistindo? O que resta de nós na ameaça é o delírio causado pela transmissão do veneno com que a televisão mostra peripécias de figuras enraizadas no imaginário coletivo, onde pessoas se abalam, porque tem a opção de não ligar o aparelho, mas ligam sempre e sempre, substituindo o diálogo e a leitura. Para Mario Quintana, *"Se cada um de vós, ó vós outros da televisão / abrisse um livro de poemas.../ Faria uma verdadeira viagem..."*

É lamentável pessoas troquem a leitura por horas diante da televisão, fica prejudicada a criatividade e desencadeia comportamentos sem ressonância do ponto de vista pessoal. Sim, a TV é competição constante a distorcer o reflexo da alegria e da tristeza; o branco e o preto; o bom e o ruim; o pobre e o rico; impõe suas verdades como realidade, em (in)diferentes personalidades ao passar a cultura "looks" que se misturam em inconciliáveis normas da vida. Mario Quintana expressa, *"Porque prender a vida em conceitos e normas? / O Belo e o Feio... O Bom e o Mau... Dor e Prazer / Tudo afinal são formas / E não degraus do Ser!"*

A televisão invade fronteiras entre idades e faixas etárias nas programações do que apresenta. Escancara sobre o sexo e a sexualidade. Fala de "transas" sem compromisso com o tamanho do "estrago" causado no telespectador. Faz do amor um ato leviano e passageiro. Reinventa a idade ao desfilarem versões simbólicas do homem e da mulher "moderna" - que não "teria" medo de ser feliz - para o delírio (no sentido literal) dos telespectadores, pois, no cotidiano tudo é pesado, pensado e estruturado para chegarmos ao objetivo tanto emocional, quanto profissional. Nas palavras de Júlio Perez, *"... Às vezes / fico paralisado / na tentativa... / são tantas vozes! / Serão fantasmas? / Serão duendes? / Serão anjos ou / demônios? / Me ajudarão na inspiração? / Me aproximarão da vida? / - ou dela / me afastarão? / ..."*

O que me causa preocupação, além das já referidas, é que os telespectadores são considerados apenas consumidores em potencial; as programações atendem sempre a interesses comerciais e político-sociais. Tal influência na sociedade revela o baixo "nível" de conhecimento, não sen-

do capaz de reconhecer que há atitudes desequilibradas demonstradas através da agressividade fantasiosa em sua plenitude, quando opiniões e visões expostas não coincidem com a realidade. Márcio Almeida na crônica *Televisão e Violência* diz, "...os programas alimentam uma forma paranoica de relação com a realidade social que os circunda..."

A programação televisiva apresenta uma realidade irreconhecível, com o que pretende redesenhar e reconstituir a nossa vida. É "furacão" de única mão, fazendo barulho e destruindo nossos dias no revelar cantos de persuasão trazidos pela velha e sinistra máscara dos "poderosos e conquistadores do vento e do tempo". Alexei Bueno questiona "*Que guardaremos disso tudo? A guerra / Inconcebível entre o horror e o encanto, / Ou o ancestral silêncio, ou o ágil canto / Que o tem por tema?*"

A televisão resiste ao tempo sem espelhar a memória do que presenciamos de verdade. É reflexo vazio de vestígios indomáveis das paisagens sombrias: aqui é doce, na TV é amargo e, do que é verdadeiro, na TV é falso. Assim, ela continuamente envolve o telespectador e suga a sua vida em função das metas ideológico-comerciais. Papel que interessa a quem? Júlio Perez retrata, "*Um homem se despe de suas roupas / Um homem se despe do seu orgulho / Um homem se despe da vaidade // ...Um homem se despe do seu corpo / Um homem veste sua alma. //... Um homem se despe da sua vida / e a vida... uma mentira*". Mario Quintana alerta, "*É o que dá ver tanta televisão. Simples – esquecemos de tentar ser felizes de uma forma mais realista...*"

ESTANTE

Há uma estante para cada função; no caso, para expor livros. Segundo Mallarmé *"O nada que é o mundo se transforma em um livro"*. Luiz Coronel revela, *"... olha meus livros / na estante e indaga / o quanto os prezo..."*

O livro na estante: fico alarmada quando percebo que a pessoa não retira o livro da estante, não tem curiosidade para ler as primeiras linhas, nem a orelha do livro ou sua sinopse. Então, olho com transparência e sensibilidade ao desejar que a situação mude e a pessoa "aprenda" a conciliar o livro com a sua realidade. Nas palavras de Octavio Paz, *"A leitura é uma interpretação, uma variação e nessa variação o texto se realiza, repete – e absorve a variação..."*

Procuro entender o não pegar o livro na estante; o não ter tempo para ler e, ainda ouvir: *"Ler? Agora não, estou de férias!"*. Será que não entendem como os livros nos fazem viajar no tempo e, ao mesmo tempo, mostram como a realidade pode ser bem mais interessante?

Quando questiono, estou pensando que, pelo menos, a pessoa poderia olhar para a estante e verificar o que lhe atrai; assim, ter a oportunidade de refletir sobre o viver e, a partir daí, fazer a si perguntas que só ela poderá responder. As respostas são o novo olhar sobre o que des-

cobrir. É o efeito mais próximo da satisfação pessoal e da diferença entre ler e não ler. Luiz Coronel alerta, "*As faíscas do olhar / acendera o brasileiro. / Palavras incandescentes / despem a imaginação...*"

Quem fracassa na arte de ler é obrigado a repensar o acúmulo de atividades diárias. Passa a vida aprendendo várias coisas para a sua sobrevivência pessoal e profissional. Sei como se sentiria bem se descobrisse como o prazer da leitura o permitiria vencer a solidão. Pensamentos e emoções a afetam e, para se conscientizar em qual situação se encontra, precisa da leitura para aprender e evoluir. Enriquecer a vida, com que as possibilidades de aprender aumentam; quanto mais sabe, mais quer saber para solucionar suas opções diárias, com atitudes que melhor norteiam o cotidiano, afastando a vida estressante e fazendo como Newton ensinou, "*toda ação implica uma reação*", um (re)posicionamento na vida. Como em Gilberto Cunha nos ensaios, *Qual é o Tamanho da Biblioteca de Babel?* e *A Nova Biblioteca de Babel*, em que ele demonstra, na concepção de Borges, que o universo estaria contido em única biblioteca.

Agora, imagine como seria viver num mundo em que todos lessem? Ou tivessem o prazer de aprender o valor devido das ações? Hoje, encontro como ação estantes de livros doadas pelos autores, nas ruas, praças e outros espaços públicos – aberto a todos – em várias cidades. A pessoa escolhe o livro na estante e o leva para casa (sem precisar pagar). Depois de lido, devolve-o à estante, ou o repassa a um novo leitor. Ritmos modernos que oportunizam a leitura ou, pelo menos, para olhar a estante e buscar a experimentação de novas formas de vida; de espalhar o saber, que aprender

é viver aliado nas cores intensas da vida. Jaime Vaz Brasil declara, *"Luiz Coronel tem obra. E que obra. Não chega de mãos vazias à melhor das estantes do mundo. É um inigualável mágico das imagens, um artesão criterioso das metáforas. O bom gosto é sua marca registrada"*.

atrás da PORTA

A porta possibilita a entrada e a saída, a liberdade e a privacidade. Ela abre para os problemas e fecha para a alegria, abre para o calor e fecha para o frio.

Percebo como a porta é importante em minha vida. Mesmo sendo apenas uma porta ela é companheira no dia a dia. Como posso ir ao banheiro, que exige privacidade, sem a existência da porta? Estaria exposta, sem a menor chance de uma vida respeitosa. E tantos outros momentos importantes no meu cotidiano. Como escreveu Jorge Luis Borges: *"...como nos sonhos atrás das altas portas não há nada nem sequer o vazio."*

A porta de madeira, vidro ou metal permite o gesto que me diferencia nas necessidades e oportunidades. Meu coração é porta aberta para os amigos sinceros.

Não bato a porta. Ela faz parte do meu viver e não tem vida para compreender os sentimentos, não tem discernimento para decidir o que é melhor para mim. É apenas uma porta!

Sem ela, como seria? Uma vida sem eira nem beira; sem sal e açúcar, sem amor e desamor, sem sonhos misturados à minha realidade.

Atrás da porta posso preservar a intimidade, o amor, o sonho e resguardar o sexo realizado, a leitura sossegada, o medo guardado e o calor assegurado; se escondem e se mostram alegrias, desejos, tristezas e o meu Sol quando leio e escuto algo atrativo, como em Adriana Calcanhoto e Jorge Salomão, em *Sudoeste*, "*... Tenho por princípios / nunca fechar portas / mas como mantê-las abertas / o tempo todo / se em certos dias o vento / quer derrubar tudo?*".

BILHETE

Tenho lapsos de memória, então, guardo em bilhetes os recados, como vínculo de convivência. Encontro em Fernando Karl, "*...te espero em qualquer esquina / para tomarmos um banho de chuva*".

O bilhete é recado de contato que demonstra sensibilidade e consideração para com a minha vida. Através dele meus sentimentos de inadequação e vazio desaparecem. A autoestima aumenta no recado em que o teor das palavras me atinge.

No meu mundo, mudanças explicam o significado e a importância do bilhete deixado no mural, na porta da geladeira, no espelho do banheiro, na tela do computador e na agenda – na falta da memória e de tempo para me encontrar junto ao acúmulo de compromissos. Isto difere de um bilhete para o outro, porque a maneira como me expresso deixa marcas no tempo. Agostinho Both, conta, "*... Pippo escreveu no bilhete, provocação pura: ... Chiruzedo de bosta! Não vou botar rabicho em vocês, por não haver modo de segurar!*"

O tempo me faz lembrar que, enquanto estudante, todas as manhãs, na minha carteira da sala de aula, havia um bilhete para mim do garoto que estudava à noite e ocu-

pava a mesma localização. Nossa comunicação foi importante: gesto de amizade que permanece até hoje.

Outra lembrança é a da minha casa: no corredor entre os quartos havia o mural de recados, ao lado do quadro de Raul Córdoba, onde deixávamos bilhetes com as atividades, horários e novidades do dia; com a finalidade de participar da vida do outro e organizar nossas vidas ao revelar os pensamentos.

Sei que é possível harmonizar o que parece inconciliável através de bilhetes, que revelam segredos para entendermos a corrida do dia a dia; entre o mundo e eu, até chegar a nós. A expectativa é estimulada por que, neles marco o encontro para sacudir a minha rotina e me beneficiar da memória.

Hoje, vejo que o bilhete foi trocado pela mensagem eletrônica, o que pode equivaler como iniciativa de significado do ato em si e preservar a memória para o meu bem viver. Nas palavras de Lindenberg Bronzeado, *"No olhar e nos gestos os homens se tocam como seres humanos, criadores de encontros e despedidas"*

JANELA: o instante da escolha

"Porque você há de ter notado que os olhos aprendem imagens, mas ensinam palavras".

(Paulo Mendes Campos)

A janela é a abertura que conta histórias e amplia meus prazeres. Nela há a premissa do horizonte que quero ver e prender em imagens. Para Carlos Pessoa Rosa, *"Da janela, ... o clarão fatia o assoalho, ... A luz corta o céu, repousa na terra e na retina"*. Reconheço-me na casa onde cada janela fala do encanto dos momentos da história. Minha imaginação é alimentada pela imagem vivida e a janela mostra o instante da escolha que se confunde com a paisagem, em prenúncio, como em Pedro Du Bois, *"O segredo: abrir as janelas...//o segredo: permanecer diante da janela / sem que o gesto se concretize e o dia acabe"*.

A janela se mostra forte e delineada, por bem retratar o meu momento de deleite diante do instante da escolha, que a reconheço na medida em que percebo a mágica refletida através dela, que tem domínio sobre a arte de se comunicar com o mundo; observo e vejo o que acontece lá fora; ouço a voz interior dizendo do dom da janela em des-

trinchar paisagens e seus significados, como observou Ernani Rosas, "*Da minha janela aberta, / vejo passar muita cousa! / Toda amargura liberta, / para a tristeza da lousa...*"

Tenho a janela que me torna capaz de me realizar na vida, porque busco na paisagem a vontade e a paixão e passo a viver com esperança. Com ela aberta conquisto o meu espaço. Por vezes, abro apenas uma fresta, então se não prestar atenção não consigo ver as cores do amor e nem sentir a liberdade a mim destinada e acabo olhando para o lugar comum, como descreve Maria M. L. Althoft, "*Tentei olhar da minha janela... / e de nada valeu, cansei. / Sentei, debrucei / Meu corpo cansado / E na soleira da janela, / A chuva esperei...*"

Abro a janela para me sentir livre da saudade e consciente do que desejo ver; vou ao sabor do vento que chega até mim, para renovar as ideias, o que significa que no fundo da alma o meu sentimento tem o poder de conquista no embate entre a razão e a emoção. Nas palavras de Antônio Olinto, "*Eu te via, mãe, / Quando estavas sentada/olhando pela janela / Eu brincava...*". Digo que revejo a vida pela janela e redescubro o gesto na lembrança que me protege. É o instante da escolha, de ser quem pretendo, de apontar caminhos que gostaria de seguir. A partir desse ponto a paisagem se torna bonita ou feia, conforme a encaro; onde existe vontade, existe o caminho para o instante de escolha: no livro, *Postigos*, de Carmen S. Presotto, viajo pelo tempo através de janelas que me permitem espreitar a poesia, "*Ao longe, / com nossa teia, / tomamos os remos / e feito postigos destes suspiros / desabitamos pessoa do nada...*"

GAVETA que quero abrir

O que é o grande amor? Tragédia? Constatação da emoção? Ato heroico? Fonte de inesgotável perplexidade? Não só de sonhos vive o meu imaginário; também de saudades, lembranças e dores do coração. Especialmente quando tudo que está engavetado vira palavra de ordem: abrir a gaveta.

Antes de abrir a gaveta, pergunto-me se encontrarei o que estou procurando. Mas, quando vejo o conteúdo do seu interior sinto entremeadas emoções e descubro o meu limite ao me surpreender com os objetos encontrados; percebo que ao tocá-los as lembranças vêm à mente como se fosse algo acontecido ontem. Entretanto, o significado da gaveta que quero abrir é o meu desejo de desvendar os segredos que, por necessidade, estavam resguardados, mas, não esquecidos.

Sou consciente sobre a gaveta, mesmo sendo só um objeto; sua importância está no reencontro das versões da minha vida. Fragmentada, sou minha fraqueza, meu desamparo e incerteza. Ao nela mexer revejo a juventude, o amor, os poemas escritos sem alegria e as cartas saudosas. Luiz Otávio Oliani expressa, *"Pedaco de papel / vendaval de palavras... / Ventania no peito..."*.

Na gaveta, a presença, o perfume e as palavras são constantes em minha vida. Tantos sentimentos contidos me levam a buscar as lembranças engavetadas, na necessidade de que a memória devolva o meu ritmo. Com mistério e medo abro a gaveta e reencontro meu passado para poder sentir o que vivi: amor e paixão. Como no livro de Benedito C. Silva, *É Possível Decifrar o Amor?* - "Dize-me quem tem razão / *Quando o assunto é o amor: / A razão, / Que quer algo racional, / Ou o coração, / Que quer algo passiona*l?"

Nela encontro seu livro e seu gesto; posso senti-lo através do objeto; posso revê-lo. Em minha fantasia é você quem mais sofre com a minha ausência, porque não o vejo abrindo a nossa gaveta. Alice Ruiz retrata, "*A gaveta da alegria já está cheia de ficar vazia*". Capturo a sua expressão descrita em carta e bilhete; elas transgridem seus poemas e meus sonhos; explodem as minhas forças quando penso na sua indiferença, como se tivesse havido a partida.

Tenho a *gaveta que quero abrir*, como guarda dos sentidos e sentimentos. Não posso negar que remexo no seu conteúdo para reviver o amor e sentir a atração como mistério. Espalho pelos cantos da casa a sensação de me tornar próxima de quem está longe do meu coração, como faz Benedito C. Silva no livro *Gavetas Abertas em Cômodos Distintos*, em que abre gavetas literárias para ajudar a transformar o cotidiano.

PEDRAS do dia

*"No meio do caminho tinha uma pedra/
tinha uma pedra no meio do caminho".*

(Carlos Drummond de Andrade)

Pedras do dia são as que procuro para viver; como razão vivencial em que o jogo silencioso do pensamento, a poesia do tempo e a voz da música dão sentido e deflagram diferenças entre o brilho e a aspereza das pedras no caminho. Para Márcio Almeida, *"A gente tem que se amar/ duas vezes mais:/ porque somos diferentes / e porque somos iguais"*.

Ao procurar as pedras no caminho exercito a liberdade que aflora na sensibilidade para ver o outro lado da história; o voo do pássaro sem repetições e os caminhos de pedregulhos. Pedro Du Bois retrata, *"Tantas vezes chutei meu destino/ como são chutadas as pequenas pedras/que encontramos no passeio... // Só fui o que tive por companhia. As outras vidas foram apenas/ as pedras que chutei"*.

Pedras do dia se instauram na manhã que enfeita a paisagem deslocada pelo viver, ao perceber os momentos como feridas abertas, onde não há luz e sigo o caminho para senti-las. Então, a dor me invade fundindo o tempo, cerran-

do a janela e se alojando em mim. Nas palavras de Walmyr Ayala, *"Nunca a mesma ilha. / A volta, sim, / mas não a mesma pedra, / nem o mesmo passeio ..."*

No caminho das pedras há a marca dos dias em que conceitos se fundem em palavras e gestos; por vezes, estou fechada em mim e, nestes momentos, penso nas pedras apenas como adorno; noutros, percebo o brilho do coração para vencer o silêncio.

Encontro pedras com luz própria, que traçam meu espaço quando tudo parece vida sem valor, o que me mantém na caminhada a passos largos no mundo onde as pedras estão no lugar certo, alastrando a paisagem diária e jogando palavras ao vento, como em Carmen Presotto, *"Mesmo que haja pedras em minhas fronteiras / Mesmo que haja humanos soldando meu sangue / Basta... Quero viver! "*

MÁSCARAS

"Passado o futuro: tantas máscaras / O que dizer de um mascarado sem máscara? / Ou de uma máscara (Real)?"

No poema, Pedro Du Bois mostra que a máscara é tema central para viver sem medo, especialmente, porque atinge a todos. É necessário em determinado momento da vida se aproximar da verdade das pessoas.

A máscara esconde o tempo e o transforma em passado; retorna em horas perseguidas; chega ao futuro para impedir o conhecer. Desconhecido, o mascarado escuta *"cantos onde há gritos e se diz maravilhado"* – no olhar perdido ele se revela ao se descobrir mascarado, que ressalta as diferenças com algo que costuma afetar negativamente minha vida: a mentira.

A máscara mostra traços no rosto que significa o tempo passado, atende ao desejo da mentira como tão somente outra verdade. As histórias, os sonhos, o passado revivido ficam ameaçados pela solidão. A vida em longos dias revela que é inevitável esquecer que a mentira torna as pessoas sem amigos ou com inimigos. Estou alerta às escolhas, à reação em relação às pessoas e suas máscaras, porque conviver entre mascarados é o desafio que pode ser transformado em revelação no caminho escondido que

chora lágrimas de saudades e grita para retirar a máscara em que se refugia o poder; Du Bois revela no poema qual o relato que me daria a verdade dos fatos: "*O que dizer de um mascarado sem máscara?*"

quanto tempo conseguimos ficar sem o CELULAR?

na praia

Sento-me à beira-mar para admirar a paisagem, o Sol e mar. Maneira para descansar a cabeça e obter novos pensamentos. Chama a minha atenção pessoas que estão caminhando com os pés na água e, ao mesmo tempo, falando ao celular. Como elas conseguem relaxar se estão atendendo ao celular? Márcio Almeida indaga, "*... Você consegue se desgrudar do celular por um minuto do dia? Ou o celular te controla?*" O toque do celular na beira-mar é um impacto contra a natureza, causado pelo processo "vício", capaz de transformar o céu aberto em plataforma de serviços. Márcio Almeida reflete, "*... Você tem consciência realmente de que o celular faz com você...*"

Busco meu interior quando estou na praia e me inovo na beleza da natureza. Faz-me sentir confiante e saudável, para a vida fazer sentido na rotina. Sinto-me feliz ao respeitar o meu lazer sem precisar mudar a minha vida; com apenas um gesto, deixo o celular em casa. Para Luiz Coronel, "*Embriagados de euforia, / esquecemos / que o tempo e a humildade / apitam os jogos...*"

no encontro

Num encontro com amigos, o anfitrião nos recebe na porta e, logo após os cumprimentos de boas vindas, oferece uma bandeja para deixarmos nossos celulares desligados (e os pegarmos na saída).

Alguns se espantam, outros perguntam, que maneira é essa de nos receber? É uma brincadeira? A resposta é direta: é a única maneira de a conversa fluir sem interrupções. Todos se conhecem e suas sensações pessoais é que rendem um bom encontro.

Como as coisas se misturam e movimentam a vida em novas escolhas, na realidade, são poucas as pessoas que conseguem se desligar do celular. Márcio Almeida questiona, *"Uma vez pelo menos você parou para pensar na dependência que tem desse aparelho eletrônico?..."*

Talvez meu amigo tenha razão, chegada a hora de mudar o jogo e pensar na simplicidade, para reconhecer como são importantes os encontros e os amigos, sem a interferência do toque do celular.

no cinema

A combinação filme, emoção e celular é poderosa, no mau sentido, porque deixa o espectador enlouquecido quando o celular o traz à realidade com o seu “barulho”. Márcio Almeida pergunta, *“Você seria capaz de conceder alguns minutos de privacidade sem o estorvo da companhia do celular?...”*

Cinema é lazer e entretenimento e não combina com conversas ao celular. O filme apresenta efeitos especiais, eleva a nossa imaginação e, sem exagero, o clima é quebrado com o toque do celular. Nas palavras de Luiz Coronel, *“O conflito / é um grito / rasgando a dimensão / do infinito”*.

Filme e celular, par imperfeito; contraste ruim e de xingamentos, estragando a expectativa da plateia. Para evitar esse jogo de opostos é melhor desligar o celular antes de entrar no cinema e curtir o filme com pipoca.

na sala de aula

Aprendi com os mestres que não devemos deixar o celular ligado durante as aulas, porque perdemos sem nos dar conta de quanto ele nos distrai ao interromper o aprendizado.

Pensamentos e ansiedades nos enfraquecem quando abalam o padrão de comportamento; o celular é o objeto que mais nos distrai com suas atrações, sem contar que estamos totalmente “viciados” e ligados nele. Ainda, Márcio Almeida, *“... você já se deu conta de que é um (a) viciado (a) em celular? E que por isso pode estar sujeito (a) a contrair uma doença chamada fobia, que significa o medo de ficar sem celular?...”*

Também sei que nos prejudicamos com o “vício”, que nos leva a perder o foco nos estudos. Para Luiz Coronel, *“Qual teimoso arbusto,/ entre as pedras, / a verde esperança renasce”*.

Para usar o pensamento é preciso ter concentração e, a partir desta premissa, é necessário dispensarmos acessórios, como o celular em sala de aula, para que, sem teimar com a lógica, conseguirmos manter o foco no estudo e alcançar os objetivos que queremos. O desafio é saber por quanto tempo conseguiremos ficar sem o celular. Márcio Almeida desafia, *“Você conseguiria deixar o celular em casa por 24 horas?”*

MURAL

*"Fala o homem para o muro / Fala o muro para o homem."
(Jorge Tufic)*

Mural é quadro de visualização.

Mural é instrumento da cultura.

Mural não é armário, mas, mudança de atitude na linguagem.

Mural cria afinidade entre as pessoas.

Mural comunica-se com as pessoas.

Mural é língua que nos leva para lá e para cá, permitindo olhares.

Mural liberta a linguagem em qualquer instância da realidade.

Mural desperta e representa desejos através de imagens.

Mural é ferramenta de apoio: portas sensoriais abertas aos textos, bilhetes, recados, lembretes etc.

Dizem que *uma imagem vale mais do que mil palavras*, e eu digo que, a palavra vale a totalidade das imagens. A cultura é substrato da vida. O mural é a visualização que ativa os mecanismos da conquista, como as palavras de Helena Kolody, *"Meu nome / desenho a giz / no muro do tempo..."*

É forma de se estabelecer contato com plateias diversas e distantes; encontro entre pessoas, em mão dupla:

contribuição de interesses onde a palavra é o produto na comunicação. As pessoas se comunicam em várias formas de linguagem sendo a obra o processo em si reproduzível. Mario Quintana, expressa que, "*Só nos muros... / Desenham-se hieróglifos. / ... Só na parede... / Aparecem mensagens...*"

Todos os que se utilizam do mural ocupam espaços onde acontece algo: arte, linguagem visual, língua manipulada como recriação do universo em amostragens das diferenças. O mural sai de algo local e se transforma em universal. Lêdo Ivo reflete, "*... Como um sol que sustenta / o dia triunfante / uma mancha num muro / ilumina a cidade.*"

Cada participante do mural busca seu espaço em novos patamares e formas para impactar, divulgar e informar através das diversas linguagens.

As pessoas devem ser inclusivas e gerais, porque há possibilidade de diálogo entre elas. Os vínculos estabelecidos pela cultura passam pelo mural. Ele representa o ser humano para que ele possa se ver, atendendo à suas expectativas e necessidades, trazendo os vínculos para dentro de suas vidas. Como Vânia Lopes demonstra, "*... ando construindo muros / para amparar minhas escadas escorregadias / meu desatino/deixo como pintura no muro / sem assinatura / para não correr o risco de me perder*".

O mural é simbolicamente importante em nossa cultura; expressão artística desenvolvida pelo homem, com palavras e imagens que deslizam em significados e produzem ação continuamente alcançável, como descreve Pedro Du Bois, "*... última viagem da memória / sem alarde ou notícia // na parede o bilhete / de despedida.*"

PAPEL & imaginação

Um simples pedaço de papel mostra vários significados e, junto com a imaginação e a simbologia, sentimentos e sentidos, as palavras têm significado e representações únicas para cada escritor/leitor. Para Gilberto Cunha, "... *Somos herdeiros de conhecimento. Isso equivale a dizer que, recebendo conhecimento de outros, também podemos herdar visões do mundo...*".

No papel as palavras adquirem força imagética ao se difundirem para a sociedade e se tornarem símbolos: escrevo aqui, leio ali, imagino lá e pronto: o papel e a imaginação são cúmplices da minha arte. Trazem dias de coragem e conquistas diante do cotidiano, ao agilizar as tarefas. Harry Laus bem retrata, no livro *Os Papéis do Coronel*, a questão de escrever na formação das imagens e na questão das influências no processo da escrita.

Confio na sensibilidade dos escritores e acolho estilos que reforçam vínculos com o que quero e gosto, dando-me aconchego na vida. Sérgio Buarque de Holanda expressa, "*em outras palavras, seu pensamento é de fato sua forma*" e Gilberto Cunha reflete, "... *Que aconteceria caso tudo o que foi publicado no mundo, até hoje, fosse impresso em escala nanométrica? Simplesmente, toda a informação*

que a humanidade já registrou na forma escrita poderia ser transferida para um panfleto (estilo anúncio de supermercados), não escrito em código, mas na forma de reprodução de imagens e estampas originais e tudo mais, sem perder a resolução...". Indago sobre o saber ao ler o que o autor tem para dizer, ou seja, se suas ideias são compreensíveis. Uso a informação para bem viver e assim alimento a minha autoconfiança. Na visão de Carlos Maria Domínguez, "*Os livros são perigosos: mudam o destino das pessoas*".

Busco nos livros (e panfletos?) prazer e criatividade, para organizar os sentimentos. Em que, ao diminuir a intensidade emocional, posso dimensionar a vida com clareza, como em Geraldo Vandré, "*... A certeza na frente, a história na mão...*".

Para quebrar a rotina e ter atitudes que favoreçam a lógica, harmonizo o meu dia a dia, com os escritores e suas obras, como em Jaime Vaz Brasil, "*... Quando a palavra / amanhece // desaba /e fusiona tudo // à fenda de um pesadelo / que espia seu conteúdo*".

A arte de ler e escrever é via de mão dupla, torna-me cúmplice e parceira da literatura. Sob a influência da imaginação a leitura se torna urgente em minha vida. O bom é que aproveito o luxo de haver tempo para ler. A diferença é que quem dita o ritmo da vida sou eu ao escolher o que ler e o que não ler; assim, encontro Carlos M. Domínguez na obra *A Casa de Papel*, que descreve "*o amor destemido pelas bibliotecas e pela literatura*" e Guillaume Musso que demonstra no livro *A Garota de Papel*, uma história de amor que se desenvolve no encontro entre o real e o imaginário.

Escritores e obras representam desafios intelectuais e se tornam invencíveis quando se juntam à imaginação. Fico impressionada com a “faxina” emocional que faço ao descobrir a importância das palavras colocadas no papel como chama de vida. Paulo Monteiro revela, *“perdi o sono / enquanto isso / escrevo poemas /... e minha insônia / será que sonha?”*.

OBJETO, emprestar: dilema meu, seu ou nosso?

*"A vida é feita de indagações / e elas realmente existem, / por que
será tantas opiniões / nunca jamais mudam, persistem?"
(Silmar Bohrer)*

Qual a razão para emprestar o objeto? E qual a receita para devolver o que pego emprestado? Luis Câmara Cascudo diz que *"Quem empresta nem para si presta"*.

A preocupação tem fundamento. Emprestar um objeto exige confiança recíproca e responsabilidade para devolução, além de investimento em tempo e afeto.

Ao emprestar estou anunciando um tempo de transformações em que me pergunto: é um desafio? Mas, em pleno gesto, empresto com coragem e coração aberto para os dilemas que virão: o momento apostado na devolução.

Numa sociedade imediatista, nem sempre a pessoa leva em conta o que promete. A melhor maneira de encaminhar o assunto é com sinceridade e pés no chão. O sucesso, pela devolução, ao emprestar o objeto depende da atitude de quem pede emprestado ao desempenhar com seriedade a palavra assumida de que está mantendo o relacionamento.

Uma conversa entre amigos sobre emprestar ou não, marca uma nova fase: a inquietude da espera para desatar o nó.

É necessário refletir: emprestar ou não? O limite é emprestar, superar é devolver. É decisão pessoal que deve preservar a história do objeto a ser emprestado. Combinar a devolução é essencial para preservar a amizade. Ainda em Câmara Cascudo, "... *cada objeto impregna-se do espírito da pessoa que o possui. Participa de todos os fluídos e forças anímicas.*" A crença popular diz que quando se empresta, a influência fica com o novo "dono" e os valores místicos ocorrem para o legítimo dono.

Muitas vezes, emprestar causa em mim desconforto, medo, e não encontro desculpas para interromper o prazo concedido para a devolução. Em dias alternados penso no objeto emprestado e sinto incômodos que se resumem numa dor de cabeça e de cotovelo.

O conceito de emprestar tem significado bom ou ruim? É verdade que quem empresta dá *adeus*? Empristo o livro, ganho ou perco a amiga? Muitas vezes, empristo palavras e elas retornam em gestos carinhosos. Empristo o meu tempo ouvindo histórias dos amigos e cedo meu ombro para suas lágrimas.

Emprestar representa um dilema meu, seu ou nosso, porque pode significar esquecer o que foi emprestado na literalidade da palavra. Fico com a sensação e a desconfiança de que os encantos da individualidade não serão preservados, desaparecerão. É atitude comum à insegurança e a insatisfação em relação ao objeto emprestado de que a peça perca seu valor real e pessoal. Sendo ousada a saída é avaliar os ganhos e perdas. O diálogo me leva a questionar na escolha do momento, do amigo e do objeto.

CABIDES da memória

Lembrar é alimentar o elo entre o objeto e os fatos.



*“A alma das coisas depende da nossa alma”
(Agostinho Both)*



a CADEIRA

Com a cadeira nasce um novo conceito.

Você já sentiu a sensação de a cadeira estar olhando para você? Já se deu conta da importância da cadeira? Segundo Pedro Du Bois, “... *a cadeira representa a segurança do passado no que lembra...*”

Há muito anos, para conseguir o meu primeiro emprego, numa escola, foi necessário fazer teste de artes cênicas, frente aos professores e à banca de avaliação. Eles chamavam o candidato e colocavam um objeto no palco. Naquele instante, o candidato tinha de criar algo com e em relação ao objeto.

Para mim, foi uma única cadeira, naquele imenso palco. As pessoas esperavam “luz, câmera, ação”, mas ouviram minutos de silêncio. E nesse exato momento tive a dimensão da importância da cadeira; lá estávamos a cadeira e eu – o destaque do momento, e a plateia esperando o “show”. Bem colocou Cid Corman, “... *me dá vontade de gritar / olha a gente aqui! – mas / percebo que // Sabemos cada qual / no seu próprio silêncio / quanto cada qual sabe.*”

Tive a sensação de que a cadeira estava me olhando, pude sentir a sua presença e o objeto falar comigo. Ela e eu soubemos conquistar nossos espaços. Ela chegou para ficar

e eu consegui o trabalho. Como escreveu Ferreira Gullar: "... a cadeira não é tão seca / e lúcida, como / o coração." Nosso encontro fez a diferença, ela contribuiu para eu alcançar o objetivo, porque atraiu a atenção de todos. Nas palavras de Nicolau Saião: "... cadeira: imóvel / vivo / e fixo / figura incomparável que se estende //... - um monstro mudo... a olhar-nos."

Coloco a cadeira como ponto chave. Ela, com sua "autonomia", me fez acreditar na mudança e na necessidade de implementá-la com clara visão dos fins; a cadeira demonstrou a alternativa: criar para vencer, como em Mario Quintana: "tenho uma cadeira de espaldar alto //... levemente balanço entre uma e outra vaga de sono."

O poeta Salete Aguiar, em seu livro *Na cadeira de meu pai*, reflete a passagem de questões envolventes em cada motivo, trazendo para perto do leitor as histórias do coração. "Na cadeira do meu pai estou sentado, / mas filhos não querem colo, / querem asas..."

Hoje, me encontro em momento especial, sentada na cadeira de balanço da bisavó, enquanto olho o mar, balanço as ideias e repasso as situações vivenciadas, diferentes entre si, onde encontro a razão diferencial em minha vida, como reflete Eduardo Barbosa, "Sua varanda tem sombra / cadeira de balanço branca / uma bela vista do jardim / Bichano carente, livros e paz..."

a LENTE...

*“Quem retrata / o momento / apreende a cena /
descortina através da lente...”*

(Pedro Du Bois)

Na lente, o que você está vendo? Ela capta e produz nova visão, que pode ser considerada arte, *“é incansável, registra cada ponto da paisagem”*. Ela representa o modo de registrar e revelar o movimento das figuras ao encadear o tempo fotografado.

A lente fotográfica tem imagem própria, abstrata e poética, caracterizada pelo instante do click que procura ultrapassar a luz. Com ela o homem passa a ter perspectiva de mundo: percebe o objeto de diversos pontos de vista, unindo e representando a realidade no desenvolver a criação na ilusão do movimento contínuo. É o olhar marcado que vai recuperando as *paisagens*, como elemento de reinvenção. Segundo Benedito C. Silva, *“...Ler as imagens é inferir, imprimir uma interpretação, gerando sentidos variados de acordo com a natureza dessa interação...Por mais que se encontrem técnicas precisas, e equipamentos sobre imagens e seu tratamento, o mais importante será o olhar do fotógrafo.”*

Ao inventar um mundo com a lente, questiono o realismo da arte, diferenciado por visões artísticas que refletem na imagem, onde nasce o diálogo que proporciona uma *aliança* feliz à expectativa do reencontro das pessoas como identidade visual: os objetos e a natureza se renovam na linguagem fotográfica, como em Pedro Du Bois, no livro *Retratos*, "*nas fotografias o passado reassume suas lembranças*" e, *Porta Retratos: qualquer momento*, mostra o registro da lente, "*...dizemos das vidas registradas / em fotografias / mostrando documentos, / provocando sermos nós mesmos...*"

Na lente é considerada a elaboração da cena: tempo, relevos e cortes. A história e a natureza se revelam em função da arte, em inscrição histórica: forma e conceito como imagens que traduzem retratos ao se abrirem em luzes.

De surpreendente na lente temos é a capacidade de percebermos um mundo impalpável e repleto de sugestões, com a sensação de vivermos intensa prospecção de nós mesmos.

Cacaso, no poema *Codaque*, mostra, "*O sol recorta as nuvens no seu mapa. / E a sombra bate de chapa*"; e Júlia Du Bois (7anos) constrói, com seu recorte de leitura, imagens representativas do poema: *Codaque* é a lente da Júlia. Nessa mesma lógica, encontro a ideia de continuidade, onde posso percorrer várias histórias com visões independentes: vidas fascinadas pela lente e embaladas na beleza da luz.

PÉROLAS

Na caixa do tempo encontro a beleza: pérolas. As horas passam e o sentimento paira sobre mim. Nilza D. Piagge diz, *"Ai de mim, sem ti!/ transformação de colar de pérolas.../ Me abraço / Solitária te busco em mim //... Procuo entender as formas / as cores..."*

Cubro o rosto e a imagem do colar de pérolas fica na saudade. As lembranças ao tocá-lo voltam em forma de luzes a manter o meu sorriso. Para Igor Fagundes, *"... em sorrisos sempre o tempo se eterniza / e as histórias... se confundem / desaba a tarde e a manhã de novo ali / no meu espelho ..."*

Sobrevivo às armadilhas da vida porque não me rendo às pérolas, apenas traduzo no olhar que não retém a lágrima e nem a linha do destino. Mário Benedetti escreveu, *"... pérolas é segredo / e é brilho pranto festa cavidade / e outras alegorias..."*.

O colar de pérolas marca o compasso do tempo e não é descartável, pois, sou autêntica em mim mesma. É a minha identidade ao toque, como o véu em sonhos. É ilusório quando meus sentidos murmuram falsas promessas, como se não tivesse valido a pena guardá-lo. Mas, é guardando que espero revelar o meu dia ao relembrar a história, como o grito no horizonte onde retenho a palavra secreta sobre o silêncio.

As pérolas lembram as noites em que o brilho dos seus olhos estiveram sobre mim. Flores e espinhos me conduzem adiante do tempo ao modular minha face e fase. Entre momentos, certezas e incertezas, o tempo guarda o colar ornando o meu retrato desgastado. Contemplo o instante guardado que se desintegra em mim, como em Yun Jung Im, "*... Se a insônia me persegue... / em que sonho / poderia ver-te?*"; e em Sonia Regina, "*entre o avanço e o recuo sou eu / um corpo abafado pelo orgulho. / meio surda medro como uma planta. / minha voz cresce sem consentimento...*".

As pérolas trazem na veste a cena na incerteza do encontro, juntamente com o sorriso saudoso refletido quando avisto a caixa do tempo. Lindolf Bell alerta, "*... em armazéns do tempo / as coisas permanecem / mais tempo / que o tempo destinado...*"

ESPELHO

Para Nilto Maciel, *"Escrever literatura é um gesto simbólico, que traz uma exigência: a de ser de qualidade. Literatura mediana é pior que a literatura ruim, pois mais do que esta, denuncia a falta de talento e a frivolidade... Portanto, todos são necessários, como na natureza: do verme ao leão"*.

Vejo nesta chamada a opção, *"Aberta a temporada de leituras prazerosas. O destino você escolhe: pode ser um romance de lavar a alma, uma história real inspiradora, páginas de reflexão..."*; digo que não existe fórmula para ler, porém, o coração comanda a vida e magicamente "ouvimos" a sua voz para decidir qual caminho seguir para transformar o tempo e a solidão ao se espelhar no prazer de desbravar o mundo da poesia com W.J.Solha, Carmen Presotto, Mario Quintana, Júlio Perez, Benedito Cesar Silva, Pedro Du Bois e Carlos Pessoa Rosa; dos romances de *lavar a alma* como os de Mia Couto, Agostinho Both, Lêdo Ivo, Virgínia Wolff; dos causos de Miguel Guggiana, dos contos de Júlio Cortázar, Carlos Higgie, Ivaldino Tasca e Jorge Luis Borges; das crônicas de Rubem Braga e Clauder Arcanjo; dos ensaios de Gilberto Cunha, Sueli Gehlen Frosi e Paulo Monteiro. Tantos são os escritores, com seus fragmentos de sentimentos, a traduzirem a história em modalidades que espelham as en-

trelinhas na mesma intensidade com que a minha curiosidade é despertada pelas obras. Jaime Vaz Brasil reflete, *"Sem os olhos quem veria a curva das entrelinhas // ou a frase que respira / na imagem que se adivinha?"*

Noto que os autores/leitores espelham a cultura como literatura, quando tentam mudar a vida com suas preferências, possibilitando diferentes interpretações: "cultura em rodízio"; "cabresto literário"; "intelecto lapidado"; "analfabetismo letrado"; "literatura menos se recebe e mais se procura"; "um livro clareia tudo e não pede nada em troca". Reconheço tais expressões como mensagens ideológicas que estão sendo absorvidas, atraídas e impregnadas na cultura espelhada de nossos dias. W.J.Solha demonstra, *"...Ser / E / não ser / são as duas mãos da estrada, o sobe – e – desce da escada, / o branco – e – preto da listra, / a mão direita e... / sinistra. // Bem e Mal – causas de adoração e nojo – são as / pistolas de duelo / em vice – versa no estojo"*.

Agonia é saber que a "luta" para se chegar ao livro é iniciativa de quem quer repassar as refletidas palavras dos escritores e, assim, evitar não "morrer por dentro"; o que significa não desanimar e nem desistir da leitura para não ficar preso ao horizonte. E, assim, expandir e espelhar a literatura como compromisso cultural, com valores confessáveis de não ter medo da imaginação na hora da realização, por estar aberta à experimentação, sem resistência, como expressa Orídes Fontela, *"tecem-se tempo / para um só ato / infndo"*.

A iniciativa de quem se habilita ganha agilidade quando aposta no interesse intelectual, por exemplo: dicionário e livros literários à disposição para quem quer se

deparar com o efeito das palavras, como escreve Fernando Py, "*... Também o tempo é imaginário / quando percorro a aventura de palavras. Que dicionário / registraria o seu perfil / parece uma audiência futuro / indiferente, quase hostil?*"; e, Dana Stephan pergunta, "*O que pode atrapalhar nosso grau de satisfação com a imagem refletida?*"

eu e os SAPATOS

*"Cruzam o limiar trazendo / Poeiras de azul e de horizonte /
Nos pés enleados de caminhos".
(Joaquim Cardozo)*

Adoro sapatos de todos os tipos e cores. Sapatos certos garantem meu andar com segurança para colocar *o pé na estrada*, como canta Adriana Calcanhoto, desafiando o poeta e despertando transformações: "... em meus passos, sapatos / poeiras / portas / portos / poetas / profetas / negócios..."

Por mais que me declare apaixonada por sapatos, sempre tive uma curiosidade: de onde surgiu a numeração dos sapatos? Descobri com Xico Gonçalves que a primeira descrição oficial de tamanhos para calçados foi publicada em 1688, na Inglaterra, em mencionado acordo para utilizar a medida de um quarto de polegada como padrão. Um século depois foi instituído um terço de polegada, equivalente a um grão de cevada, que foi a medida usada pelo rei Eduardo I, no século XIV, como padrão para os calçados, tornando-se uma unidade métrica chamada "*Ponto*". Mais tarde, Edwin B. Simpson, na época da Revolução Industrial, incluiu no sistema de numeração para as fábricas de calçados as medidas

de meio ponto, utilizadas até hoje em sapatos do hemisfério Norte, e por poucos fabricantes brasileiros. O sistema foi utilizado a partir de 1808, pelos fabricantes, e sobrevive com pequenas alterações até hoje. Nas palavras de Ernani Rosas, *"Imóveis, como a espera / da Dona para os calçar: / Quantos espinhos tivera / neste mundo, que pisar..."*

Os sapatos despertam paixão em homens e mulheres. Fazem a fama de muitas estrelas de cinema, como Marilyn Monroe, que mandava diminuir a altura de um dos saltos dos sapatos, para poder rebolar os quadris mais sensualmente ao andar; o que pode ser visto no filme *Torrentes de Paixão*.

Sapatos é arte em tempos e em termos de produtividade, com a vantagem de poder escolher a gosto e descobrir o segredo para compor um visual marcante. Eles são poderosos! Os passos são sapatos que transcendem a realização, como no poema de Nei Duclós: *"Passos... a linguagem que / aproxima o que parece / disperso."* *Surpresas e desafios fazem parte do caminho, o que pode facilitar a jornada é o "acertar o passo".*

A mulher tem o dom de encontrar o caminho que leva à felicidade, seus passos têm a força da vitória, sabor da conquista; talvez sejam meus sapatos e eu que, juntos, damos sinais de um acontecimento poderoso. *Esquecidos num canto / dormem os velhos sapatos, / gastos de uso / e tanta equivalência. // Ali estão todos eles, / os meus sapatos / que já não deixam rostos, / ali abandonados / com seu sorriso amargo, / e neles existo."* (Itálico Marcon)

LIXO revolvido

Existe sentimento mais importante do que o de preservar a natureza? Você gosta de ser o responsável pelo seu lixo? Pedro Du Bois responde que "... *sabemos que nossos lixos precisam ser revolvidos, criamos mecanismos de defesa: máscaras, luvas, emborrachadas botas, óculos com escuras lentes. Fazemos o trabalho com destreza e prática. E, ao que restar como monturo, viramos as costas e esquecemos*". Cada pessoa deve pensar no seu estilo de vida, nas suas escolhas de consumo, e no que causam à frágil vida da Terra.

Morar a beira mar, ver as ondas quebrarem na praia, relaxar na areia: andar, correr e brincar, isso é bonito, bom e saudável. Dorival Caymmi, nos anos 70, compôs, "... *o mar quando quebra é bonito...*". Agora, no século XXI, precisamos denunciar que o mar não é depósito de lixo. Que o mar é essencial para a produção de chuvas, e que sem elas não há vida. Tudo o que é jogado no mar, na praia, é levado pelas marés e enchentes. A resposta está no coração. Com ele no comando a vida resplandece e a diversidade pode ser superada com criatividade, bom senso e, sem motivo especial, em qualquer hora e lugar, como reflete Reginaldo C. de Albuquerque, "*O tempo passa...em nome do progresso, / mesmo cheio de glórias, já defeso, / o lago vergou ante a sorte hostil...*"

Penso nas maravilhas da natureza, tantas vezes esquecidas e violadas. A natureza não conhece fronteiras. E a nossa saúde depende dos cuidados para com o lixo. A ética também está na limpeza moral; lembro que antigamente existiam placas pelas cidades alertando que "*Cidade limpa. Povo culto*".

Pergunto: você é culto o suficiente para valorizar e preservar a natureza? Em cada flagrante, em cada pessoa, em cada sensação são preservadas as belezas naturais como verdadeiros tesouros arquitetônicos para serem vistos e revistos? Nei Duclós declara, "*A forma do mar é teu rosto / e o som da areia teu passo...*".

EX LIBRIS

*"Desenhando a marca / em que me reconheço: o sinal / e o sentido. /
O sentimento expressado / em traços. / O risco preenche o papel em
curvas. / Fecho o desenho nominado / em propriedades"
(Pedro Du Bois)*

Os apaixonados pela literatura, que possuem certa quantidade de livros, sentem a necessidade de identificá-los. A maneira mais simples e conhecida é assinar o nome com caneta em cada obra, o que desvaloriza o exemplar, além de enfeia-lo. Outra é usar o *Ex Libris*, como opção artística e elegante para marcar os livros do acervo.

Ex libris significa "*dos livros de*" ou "*da biblioteca de*" – marca bibliográfica colada na contracapa de cada livro, como indicativo de posse da obra, segundo Carlos Alberto Brantes.

É uma etiqueta com dimensões variáveis, que serve para identificar os proprietários dos livros ou da biblioteca a que pertencem. São pequenas obras de arte com temas variados, que revelam a personalidade do dono, de acordo com os gostos, costumes, épocas, grupo social e cultura.

A etiqueta pode ser confeccionada, estampada ou impressa; seus processos de gravura podem ser: linóleo, zinografia, xilografia, água forte buril e outros; produzida por desenhistas, gravadores e artistas gráficos.

Os ex libris são considerados peças raras de troca entre colecionadores, no Brasil, o primeiro colecionador foi o Barão do Rio Branco, que também marcou seus livros dessa forma. O primeiro ex libris brasileiro foi de D. Isabel de Menezes, em 1798, desenhado por Vieira Portuense, e gravado a buril pelo artista Francesco Bortolozzi.

Para Eduardo Freiro, os ex libris se dividem em quatro categorias: etiquetas que trazem o nome do proprietário e são ornamentadas; armoriados, trazem brasões e insígnias de indivíduos, cidades etc.; simbólicos, trazem imagens que traduzem ideias, lemas de vida etc.; paisagistas, reproduzem cenas rurais, urbanas, marinhas, ligadas efetivamente ao proprietário do livro.

Carlos Alberto Brantes afirma que *"O Ex Libris nasceu da união da gravura de pequenas dimensões e tomou feição popular. Bibliófilos, literatos e colecionadores contribuíram de forma excepcional para o seu desenvolvimento"*.

O colecionador Paulo Benger publicou, em 1995, o catálogo de Ex Libris Brasileiros, com 76 páginas e a relação de 2.660 ex libris nacionais. Em 2002, o pesquisador lançou a segunda edição do catálogo, com 150 páginas e quase 5.000 ex libris relacionados. A prática transcendeu em muito, valendo como particular apreço intelectual pelos livros.

Considero de grande importância o Ex Libris, pois traz em sua concepção a arte visual (a que vai comigo para qualquer lugar) e facilita a aproximação com a obra do artis-

o ECO DOS OBJETOS

ta plástico – fato importante para preservar as suas características, o que revela um caminho na história na tentativa de transformar os valores dessas pequeninas obras, preservando a cultura.

reinvente a beleza: a PONTE

*Uma ponte/ uma história // recortes de tempo / suspensos
pontos / marcam o imaginário...//: aqui somos passageiros...”*
(Carmen Presotto)

A ponte reinventa a beleza em suas formas espetaculares de tons intensos, dando significado ao que me faz sentir livre. Ela reinventa o homem e o leva ao questionamento após a passagem, na sensação específica das necessidades de cada um. Ela conquista o lugar, o espaço a ser frequentado e, ainda, favorece a busca de novos olhares. É preciso ter consciência de que não existe ponte sem que se vejam os sinais que ela oferece, como o relacionamento que atravessa momentos decisivos e deixa claro qual a direção a seguir. Reconheço, por exemplo, esses valores nos filmes, *"As Pontes de Madison"* (uma história de amor) e na *"Ponte para Terabítia"* (emocionante aventura).

Com ousadia cruzo a ponte e, como conquista, tenho a visão de dois pontos, um une futuros e o outro implanta simbolicamente parcerias: sentimentos e palavras, como em Pedro Du Bois: *"Vivemos entre pontes, / saltando rios e lagoas //... sobre pontes majestosas,/nossos sonhos se apresentam..."*

Acredito que ao cruzar a ponte me relaciono com os escritores em suas inspirações; utilizo a emoção que transforma o gosto pela liberdade na maneira com que encaro o desafio de ir e vir, sempre medindo forças, como descreve Carlos Drummond de Andrade, "*O presente é uma ponte ilusória / entre o que foi e o que virá a ser*". Garanto minha passagem com a (in)certeza; posso viver do indefinido e acreditar que atravesso a ponte, entre o conhecimento e a fragmentação do homem.

Gosto do meu ritmo e coloco o sentimento como ponte na vida; que representa a união e traz simbolicamente novos valores: a liberdade da travessia, em que a cultura e o conhecimento tornam possíveis as diferenças, favorecendo na vida o que é indispensável, como o eixo da ponte.

A ponte liga vários mundos e, metaforicamente, incentiva atitudes, para trafegar no devido tempo. Ela demonstra ser protagonista da vida e autora de si mesma ao oferecer o caminho e permitir ser o lugar dos sem lugares e também gerar reflexão sobre não haver respostas prontas: é preciso reinventar a beleza.

LUZ NEON

"Quando triste / penso na luz de neon / que ilumina nas vitrinas / os manequins.// Entristecido / sei que o clarão do neon / atrai os olhares.// Nada resiste ao neon / das luzes das cidades: / derrubam muros / cativam almas / ávidas pela claridade.//Triste / fujo à aproximação / do neon em luzes claras: / armadilhas mortais / em minha idade." A poesia de Pedro Du Bois retrata a iluminação das fachadas dos estabelecimentos com luz de neon, que aos poucos foi substituída pelos painéis luminosos. O neon foi se tornando matéria prima para os artistas plásticos. Resgato o artista plástico e pioneiro em trabalhos especializados em luz de neon, o arquiteto e designer Jimmy Bastian Pinto. Ele produziu belas obras, buscou inspiração na sensualidade feminina, mostrando as "belas luzes" que o mundo pode ver; revelou sua habilidade no criar "poético" em esculturas como, *As Pernas de Tina Turner na Terra do Aladim, o perfil de Madonna e Silhuetas de Casais Dançando*. Em todas as peças usou neon (direto ou indireto) em linhas continuadas e coloridas. Em algumas das esculturas o neon dá sensação de movimento, como se a luz estivesse saindo da peça. Suas esculturas foram recriadas em vários tamanhos que variam de 30 centímetros a 2 metros.

Poesia visual dispensa palavras quando me refiro ao neon, luzes em aplicação nas esculturas. Fascinante, mas cada vez mais distante. Hoje, apenas considerado mais um estilo.

PAREDES que falam

Imagino e realizo. Paredes com retratos de familiares e amigos. Fotos no quarto, no corredor e na sala, onde couberem: pura emoção. Registros de viagens, brincadeiras de amigos e de momentos preciosos. Imagens espalhadas pela casa, que reassumem lembranças, como em Carlos Drummond de Andrade, “...*O retrato não me responde, / ele me fita e se contempla / nos meus olhos empoeirados. / E no cristal se multiplicam / os parentes mortos e vivos. / Já não distingo os que se foram / dos que restaram. Percebo apenas / a estranha ideia da família / viajando através da carne*”.

Paredes que falam, porque todos os que são amados estão nela. Fatos e fotos marcantes, colecionados com amor e o carinho decorrente de valor sentimental. Retratos que estampam poemas, o que foi juntado ao longo da vida. Segundo Murilo Mendes, “... *O retrato revelou: / visão da poesia humana / clarificada em doçura,...*”

Paredes que falam reúnem tempos que conversam: o espaço é literalmente um ponto feliz. As fotografias paralisadas e eternizadas em recortes da realidade; trazem a energia dos momentos vividos. O segredo está no uso das peças na decoração, para criar um único mundo.

Lembro-me de Thomaz Farkas, o pioneiro da fotografia moderna no Brasil. Farkas, nas suas fotos captou, entre outras, cenas do cotidiano e, principalmente, os olhares; privilegiou o elemento humano, ou o que é produzido pelo homem. É o fotógrafo que "*eterniza cenas que palavras jamais definiriam...*" Para ele, na fotografia, temos o olhar e o momento, e o segredo de como juntar os dois.

a CASA

A casa combina e contém o estilo de cada pessoa, para satisfazer o gosto e as necessidades encaixadas como peças de jogo de armar: transforma-se em lugar único, onde o sonho concretizado se torna lembrança e história em minha vida. Encontro em Pedro Du Bois o livro *A Casa Diversa*, "A casa em silêncio / guarda o sentido e a lembrança. //... a casa recolhe o silêncio dos que foram o passado não resolvido no esquecimento..."; em Agostinho Both, o seu primeiro romance, 1990, *Para Onde Vão Nossas Casas*.

Na casa do tio Nilo, após o seu falecimento, encontrei em seu armário textos com poemas de Aparício Silva Rillo – poeta gauchesco, humorista e autor do livro *Rapa de Tacho* – em que senti novas cores como se fosse novo ambiente. Transformada pelo esplendor do poema *Herança*, visto ter sido escrito há cerca de quarenta anos, senti o incomum encontro: as marcas da passagem do tempo e a saudades "daqueles tempos", como na sua poesia, "Naqueles Tempos. / Sim, naqueles tempos / as casas já nasciam velhas. / Eram cálidas... // mostravam-se nuas, / abertas em janelas que espiavam / da sombra verde para o sol das ruas. //... Naqueles Tempos / sim, naqueles tempos / as portas eram altas / e alto o pé direito das salas dessas casas. / Mas

eram simples as pessoas que a casa abrigavam. // Naqueles Tempos. / Sim, naqueles tempos //... Somos guardiões de casas velhas / almas de sesmarias e de estâncias, / paredes que suportam seus retratos..."

Rillo ao poetizar mostra o quanto de lembranças renasce no silêncio da casa e a saudade decomposta pelo tempo faz mergulhar no passado, o que me remete à profundidade da casa como "herança" contada através de fendas que resurgem em linhas de significados.

Concretizo a casa em palavras de contida história, onde a liberdade fica aprisionada quando nela entro, fecho a porta e apago a luz. Então, traço caminhos e imagino descobertas, como morar na cidade grande e esquecer a hora de voltar para casa: o progresso retrata a casa e desse encontro surge o livro *A Concretude da Casa*, de Pedro Du Bois, "*A casa esconde segredos entrevistos / em personagens acorrentados aos dias; //... A casa exige explicações das palavras recebidas: ameaças circunstanciadas / em troca de ideias. / despenca na sala o quadro. / Atrasa o relógio da cozinha*".

A casa é o espaço onde me reconheço; nela fico quando busco pela minha morada. É âncora na certeza de dias ensolarados. Ainda hoje me surpreendo ao ser levada pelo silêncio da casa, como herança em que se acumulam recordações que se desfazem nos amanheceres, porque me angustio com a realidade que se apresenta áspera e, ao mesmo tempo, revivo na memória a saudade de me ver refletida nos sonhos dos antepassados. Como em Pedro Du Bois no livro *A Casa em Procuras*, "... ter a lembrança da primeira casa na idealização / dos sonhos permitidos e deles retirar os olhos / ampliados em pensamentos aleatórios dos caminhos..." e,

em Carlos Drummond de Andrade, "*... A casa tem muitas gavetas e / papéis, escadas compridas. / Quem sabe a malícia das coisas, / quando a matéria se aborrece?...*"

a CARTA

Querido,

"*Não quero luxo nem lixo, quero ser imortal*", quero ficar com você. Mascaro a velhice na ausência que busca o sonho: renascer ou *desenvelhecer*?

Passo pela história sobreposta em caminhos e lembro o portal, o jardim na edificação antiga, onde o envelhecimento acontece em brumas de outras histórias e se apodera do momento em que colho o sentido da vida no não retorno: nostalgia ou tristeza?

A aridez do tempo desfoca minha realidade de idosa ao me remeter para o presente na ausência anunciada, em mera fumaça lanço a vida em sonhos, refaço trajetos e busco motivos para que o amanhã se repita no ontem: pranto ou choro?

A idade avança na medida em que divido o tempo, como jogo entre amigos, em que conto os resultados diários sem alarme. Minha dúvida é se ainda há alarme para o coração; ou apenas digo que hoje é domingo? Busco o seu olhar para realizar minhas fantasias e ouvir seus segredos ao apreciar a paisagem: nasci para *desenvelhecer*?

Quero ficar com você. Em tudo que vejo e ouço é sempre você! Carlos Drummond de Andrade demonstra,

na "Carta a uma Senhora,... Por isso lhe escrevo esta carta, que é especial: não vai por terra ou mar, nem vai de avião, vai pelo rádio. Se fosse pelo correio, a senhora reconheceria logo a letra do envelope, e não seria surpresa... A senhora, seu marido e seus três moleques recebam, pois este abraço que lhes manda pelo rádio um velho amigo saudoso; abraço tão real e apertado como se estivéssemos todos reunidos de verdade nesta sala".

Abraços da sua amiga de sempre para sempre.

CAIXA de sonhos

*"...a história é o limite, /e somos a revolta // vestidos de tempo.
/e o tempo uma caixa se abrindo"*
(Hermenegildo Bastos)

Preciso de uma dose de coragem para abrir a caixa dos sonhos e buscar respostas para questões como o medo e a memória. Para Agostinho Both, *"Não podia imaginar que um velho baú pudesse comportar tantos sonhos, enrolados em folhas amarelas"*. Fica a promessa de recompensa a quem ousar sonhar – é sonhando que se revela a pessoa confiante que se encontra dentro de cada um de nós. Como *A Caixinha do Vovô*, de João Guimarães Rosa, um baú de tesouro, guardando por trinta anos as lembranças do avô Joãozinho e que foi aberto em 1998, para preservar a memória da família.

A vida fica iluminada com o sonho para dividir a satisfação e, ainda, demonstrar o meu sentimento de estar bem comigo mesma, pois é mágico ingrediente em nossas vidas. Vanessa Vieira expressa, *"Na caixa um canto / No canto um verso / no verso eu"*.

Ao descobrir a misteriosa caixa dos sonhos de Guimarães, percebo a beleza em alguém, respeitando seu próprio ritmo. Também reconheço um mundo literário determi-

nado a mostrar as obras e suas palavras, como em Nelson Ascher no livro *O Sonho da Razão*. O tempo passa e um dia o sonho foi desfeito, como demonstra Lima Coelho, "*O sol se põe, começa a noite. / Com ele, os sonhos que se desfazem, / Transformando-se em cintilantes bordados / Que ornaram a escuridão que se forma no céu... // Sonho sonhados juntos, agora desfeitos, / Que cedem lugar ao lamento, ao queixume, / Ao tormento e às aflições no meu peito...*"

Mas, se estou acompanhada de livros, CDs, flores e amigos, sinto alcançar os meus sonhos, que são as mudanças a fazer com que o viver seja uma caixa de surpresas, como no ensaio "*Eu tenho um sonho e eu não tenho um pesadelo... Martin Luther King*", escrito por Gilberto Cunha.

Jorge Luis Borges, no *Livro dos Sonhos*, descreve a variedade de sonhos, diz serem a "*invenção espontânea do homem que dorme*" e, mais, que "*os sonhos nos dão certa ideia das excelências da alma humana e uma noção de sua independência*". Assim, quem não consegue simplesmente sonhar, deixa de perceber que sonhar é essencial, como cantava Cartola, "*... Devias vir / Para ver meus olhos tristonhos / E, quem sabe sonhar os meus sonhos, por fim...*" Quem cuida do sonho, por consequência, vive o amanhã de novidades. O que dura pouco é o tempo ao acordar do sonho na adaptação às situações da vida pessoal. Ainda em Borges, "*... o homem acredita no que está sonhando, e quando acorda se vê sem nada...*"

Abrir a caixa de sonhos é quando me inspiro e reencontro o sentido das palavras e esbanjo atitudes com liberdade. Sonhos saem dos livros como memórias. E se eu deixar de sonhar, seguiria qual caminho? Antonio Machado responde, "*De toda a memória somente vale / o dom esclarecido de evocar os sonhos.*"

a importância do CADERNO

Cada um deve conhecer o seu estilo para compreender o valor do caderno que representa, em sentido escrito, o ponto de vista que define o seu “dono” ou “autor”, e o que de interessante está em sua volta.

O caderno é plural e, talvez, o que torna compreensível os diversos relacionamentos: com nós mesmos e com as palavras, sem regras, em sentimentos soltos; é o objeto em que escrevo o que demonstra o meu sentido; o que deixo gravado para não me esquecer dos momentos marcantes.

O caderno é canal de comunicação onde me deixo no que há para ser escrito; em qualquer tipo de percepção, ele traduz o meu trajeto. Como em Valdevinoxis, “... *Tenho um caderno pautado/com muitas linhas escritas... // com muitas linhas vivas... / Nunca está arrumado, / Nunca está fechado, / Só vive, vivo escrito / Nas palavras que guardo*”.

Mario Quintana, ao longo do tempo, publicou poesias e curtos textos, no jornal porto-alegrense, Correio do Povo, na coluna *Caderno H*, que eu, leitora e apaixonada pela literatura, recortava para guardar. Até que esses textos foram transformados em livro, lançado em 1973; para Bráulio Tavares, “*este livro de Mario Quintana, parece uma festa, a poesia é uma convidada, no meio de muitos outros*”.

Há vários tipos de cadernos: agenda, diário, poesia, escolar e outros, onde encontro textos provocativos, polêmicos, saudosos, íntimos em declarações de amor, com anotações profissionais e até receitas culinárias; mas, todos representam símbolos que preenchem as linhas do cotidiano. No caderno do poeta ele revela as impressões da vida, registradas com sensibilidade, pois, cada percepção é inspiração para o texto poético, como demonstra Estela, em *Cadernos de Poesia*, "*Houve um tempo em que as moças tinham um Caderno de Poesias, esse caderno era passado para as mãos das pessoas amigas que deveriam escrever um verso, uma poesia, um pensamento... Esses versos eram sempre acompanhados de uma dedicatória para a dona do caderno... Esse caderno ficou guardado e pouco esquecido... Li e reli as poesias, os pensamentos... eu ia me lembrando da fisionomia, do jeitinho de cada uma das minhas amigas, formando um lindo mosaico... onde tudo parece tão vivo, tão nítido e tão próximo. Eu ainda trago comigo esse gosto pela poesia e uma mania de colecionar cadernos...*" No diário processo vivências, amores e lembranças; a linguagem geralmente usada é a da emoção, que fala mais alto do que a razão.

O caderno faz parte da minha vida; na continuidade das anotações da *roda-viva*, no espelhar palavras em que vozes silenciadas procuram se fazer ouvir, como reflete a coletânea *Cadernos Negros*, que tem por objetivo valorizar a imagem do negro no Brasil. Seus participantes dão voz à população negra na luta contra a desigualdade social e racial. O primeiro volume dessa coletânea foi lançado em 1978; depois, publicado um volume por ano, totalizando dezenove cadernos, que deram origem a dois livros: *Ca-*

dnos Negros: os melhores poemas e Cadernos Negros: os melhores contos.

A importância do caderno está nas linhas da vida, que revelam o comportamento do autor. A ênfase é dada, porque a escrita formulada é datada e presa aos sentidos, na visão crítica do momento ou na necessidade do dia; por exemplo, Itamar Assumpção (morto em 2003) deixou sete caixas de papelão com 110 cadernos rascunhados de músicas, versos soltos, contos infantis, crônicas e poesias. Sua esposa Elizena reuniu o material e o transformou no livro *Itamar Assumpção: Cadernos Inéditos*. Outro exemplo é da obra de Oswald de Andrade, publicada em 1927, com o título *Primeiro Caderno*. A capa da primeira edição foi idealizada pelo autor com base em real *caderno de exercícios* escolares. Para cada poema, um desenho referente a cada composição, também de autoria do próprio poeta. Segundo Filomena, "... *As palavras soltam-se no caderno / para dizer da sonoridade da ternura / que não cala os silêncios da alma...*"

A importância do caderno está no que revela da permanência, dos atos como manifestações culturais e sociais. O tempo verbal é atemporal, mas, conjugado no mundo do "quando", como retomada da temporalidade, por que, nas palavras de Paulo Leminski, "*Abrindo um antigo caderno foi que eu descobri: antigamente eu era eterno!*"

GAVETA

Na gaveta posso encontrar referências históricas memorialísticas e as lembranças, como sentimento de nostalgia provocada por minha vontade de voltar no tempo. Para Pedro Du Bois, "*Os objetos sintetizam o que somos...*"

Fico em suspense ao refletir sobre o fascínio do conteúdo da gaveta; logo, confronto as lembranças para estabelecer a ação do tempo e manuseio, por único motivo: busco conhecer a história e não me intimidar com o valor descoberto. Sinto como se estivesse abrindo um livro de poemas pela primeira vez.

Na gaveta são guardados objetos pessoais. Nela contém um universo mágico e perco o fôlego ao pensar no cenário e nas palavras descerradas. Pedro Du Bois retrata, "*Tudo o que precisa / guarda / em gavetas acima / das possibilidades*".

Minha curiosidade ronda a fantasia enquanto não tenho permissão para abrir a "tal" gaveta. Peco, porque fico pensando sobre o segredo que está guardado. Quanto me influenciaria o descobrir? Seriam cartas de amor? Bilhetes de encontros? Amores e decepções? Por que insisto em descobrir e vasculhar os objetos, se posso vir a me decepcionar com a surpresa? Não há jeito. Não consigo driblar a curiosi-

dade. Preciso ver para crer! Almandrade ressalva, "... *afinal* *ver é um incômodo // tentativa do saber*".

Reconheço que espiar a gaveta é desafiar o tempo e sentir a emoção mesclada com as saudades. Momento em que se apresenta o passado no presente, revelando os diferentes talentos, como o poeta Benedito C. Silva na obra *Gavetas Abertas em Cômodos Diferentes*, que revela, "*Gavetas // Limpar as gavetas / É despir-se da roupa velha // a sua foto com carinho protegido / Guardada entre tantas outras coisas sem sentido...*"

Outro momento foi retirar da gaveta o livro de Tânia Pelegrini, *Gavetas Vazias* – ficção que relembra a política dos anos 70; até hoje aquelas *gavetas* permanecem semifechadas pela barbárie e o sofrimento decorrente.

Resta manter aberta a gaveta da paisagem contida na poesia com que posso expor a minha ligação com o mundo, como em Millôr Fernandes, "*A gaveta aberta / Tem expressão / Liberta*".

VENTILADOR de ideias

É absolutamente fascinante mergulhar nas obras literárias e encontrar poetas que misturam suas sensibilidades como se fosse um *ventilador* a misturar os ares, espalhando ideias e palavras em sensação de prazer. Assim, delicio-me com a poesia e suas divergências expostas como pano de fundo que, conforme Orides Fontela, "*tecem-se tempos para um só ato infindo*".

A ousadia e o brilhantismo dos poetas me levam a espalhar suas palavras; e sempre surge a pergunta como desafio, "*onde você leu isto ou aquilo?*" Logo constato a energia investida por mim e mostro que os livros cobrem grande variedade de autores/obras, como um ventilador de ideias que conduz o leitor a abrir cada página.

Leio os poemas e esmiúço as palavras, descubro que os autores titilam sensibilidade. Cada um exercita na arte o seu talento ao dar origem as palavras e a sua forte influência, que se espalha como o vento.

Encontro o livro *Curso de Arte Poética*, completo e esclarecedor, de Jorge Tufic. A obra apresenta *Noções Gerais do Cotidiano e Sentimento Poético*, dividido em três partes: *Poesia através dos Tempos*, *A Legislação Teórica e o Mosaico e a Esfinge*. Os exercícios do livro visam a motivação como

aprendizado. A linguagem é apresentada no sentido primordial e profundo do *insight* da vida, onde o significado e o significante das palavras são o objetivo e o objeto na construção da poesia. O autor trabalha com os aspectos da metodologia, regras, terminologia, formas e cores da palavra. Ainda, tem a preocupação de pinçar e dar visão a outros autores, justos representantes dos *ventiladores de ideias*.

Mestre Tufic percorre o caminho da sabedoria e o transpõe no livro, por acreditar que na poesia é maior o desafio da sobrevivência na crise de inversão dos valores sociais e nas mudanças de comunicação. Para mim, ele exerce a postura de *ventilador de ideias*, porque espalha a poesia com sua devida reflexão: "*Como fazer poesia se ela a poesia, já existe independentemente de palavra ou do poema?*"— o mesmo responde, "*a poesia se manifesta no homem como necessidade de expressão e comunicação*".

Jorge Tufic é intelectual que consegue perfeito equilíbrio entre a poesia na literatura e a compreensão da mesma no processo cultural. Traça e retraça diante dos meus olhos a figura de *ventilador de ideias* ao revelar os sentidos e me influenciar com as suas diferentes formas de sensibilidades.

PEDRAS de toque

Quando a poesia é especial, a vida ganha toques de suavidade, como em Cora Coralina, "... *Do perdido tempo / Do passado tempo / escuto a voz das pedras: // volta... volta... / E os morros abriam para mim / imensos braços...*"

Pedras de toque, porque tocam a todos. Pedras por serem concretas, palpáveis e não terem fim. Levam-me a refletir sobre o tempo em todas as dimensões; sobre o ato de criar em si mesmas, como coloca Orídes Fontella: "*A pedra é transparente: / o silêncio se vê / em sua densidade*".

Em desafios e conquistas levo vida trepidante, questionando o valor do tempo e o peso da sua escassez. Nas palavras de Pedro Du Bois, "*Sou pedra / lançada / contra o vento // ...onde se perde / o tempo // ... de que vale a mim / pedra arremessada / através do tempo / como consciência / e crítica / se ao vento / não cabem palavras?*"

Reflijo sobre o tempo ao ver pessoas correndo atrás de seus compromissos; não dão atenção à palavra amiga; perdem a hora certa - um dia após o outro (pedra sobre pedra) sempre com a maior urgência... Para quê? Sidney Miller cantava: "*Quem tem mais pressa que arranje um carro / Prá andar ligeiro, sem ter por que / Sem ter prá onde, pois é pra quê?*"

Descortino a pedra na hora de começar a abrir mão do que não é mais necessário. Para isso, preciso crescer interiormente, onde hábitos cotidianos sejam simplificados e relacionamentos se tornem especiais. Segundo Jorge Adelar Finatto, *"Andamos pela vida como seres de pedra / Habitamos as noites de vento / ... o olhar parado em algum lugar vago / um rosto que passou..."*.

Lembro que a transformação está nas pequenas coisas, como na leitura, no amor, na tolerância, na paz, na ética e no toque da pedra. Fica a sensação de que sei das coisas, o que me conforta e me permite sentir a leveza do traço.

Os desafios são as pedras do caminho, que podem ser esculpidas e desvendadas: com tempo para agir, faço algo construtivo; tenho capacidade de reviver na liberdade em conexão com os ciclos da natureza, como fragmentos das pedras que revelam parte da vida e me mantém na dimensão poética, como em Mario Quintana, *"... um dia as pedras se iluminarão milagrosamente por dentro, / porque só termina, para todo o sempre o que foi artificialmente construído..."*.

entre a flor e o MURO

*"...Uma imagem vaga por entre os versos /
constrói muros e os faz desabar..."*

(Vera Casa Nova)

Tenho carinho para enfrentar a realidade; aproximar-me da vida com a vida; conversar com a pretensão de seguir o caminho entre a flor e o muro para reencontrar a poesia de Helena Kolody, *"Pintou as estrelas no muro / e teve o céu ao alcance das mãos"*.

Na contemplação da flor surge o momento em que projeto a vida e sinto a tristeza invadir a mente: fico de frente para o muro. Nas palavras de Pedro Du Bois, *"...Falo em saltar sobre a amurada / inundando / a vida em detalhes..."*

Ambos mostram a verdade do que sou feita no que conheço e compreendo o instante ao indagar: a flor ou o muro? Encontro em Vânia Lopes, *"Ando construindo muros / para comparar minhas escadas escorregadias / meu desatino / deixo como pinturas no muro / sem assinatura / para não correr o risco de me perder"*.

O fato é que a verdade se limita à diferença entre a vida e a morte, o que se confirma ou é relativo à visão do

muro, ou à imaginação da flor; do quanto a flor ilumina e o muro finaliza. Seja para me reaprender ou reencontrar a plenitude dos sentidos, fazendo-me render as palavras e gritar que o muro expressa a mensagem onde o pensamento é a flor, como em Vera Casa Nova, "*Na rua os gritos desenham muros*".

Entre a flor e o muro está o impulso para construir a natureza e algemar o homem; onde se funde o sentimento da diferença sentida, concebida na perspectiva que confere especial importância ao desejo como manifestação. Tal sentido - a flor - transcende a vida orgânica e acompanha o homem cerceado no muro limitador dos impulsos. Alcides Buss diz, "*... Procura à flor / no éter dos sentidos e palavras...*" e Rodrigo de Souza Leão, reafirma no seu primeiro livro, *Há Flores na Pele*.

Na construção entre a flor e o muro o efeito resulta em segmentação e ruptura, cuja manifestação se dá por imagens nostálgicas, que se confundem com os sentidos: o reconhecimento do homem no saber e a primazia do sonho. "*Persegui a luz? / mal segui-a, tendo / onde o sonho pus, / uma flor morrendo...*", como encontro em Alphonsus Guimaraens Filho.

A flor e o muro são mistérios do que poderá vir na expectativa dos destinos. Entre a flor e o muro há a conversão do eu em nós em processo dinâmico formado pelo passado e presente, ao ceder lugar a temas pessoais e a capacidade sensorial, contraponto de vida na certeza da morte, como em Alexei Bueno, "*oh flor, oh muro, / vós ambos sois. / Ser, este é, pois, / O liame obscuro // que há em vós. O puro / Elo. Depois, / Se se erguem sóis, / Se se alça o escuro, // Que importa? Estais, / Seiva, argamassa, ...*"

LÁPIS: por Carmen e Clauder

"... Corro o lápis em torno / Da mão e me dou uma luva / E se faço
chover / Com dois riscos / Tenho um guarda-chuva..."
(Toquinho)

A literatura faz toda a diferença em nossas vidas, não importa se em verso ou prosa. Cada escritor cria um método de escrever com a visão individualizada, ao permitir que a pessoa leia de forma estimulante e supere os limites da imaginação.

Abordo a questão da criação sobre o *Lápis* – onde os escritores Clauder Arcanjo com *Lápis nas Veias* e Carmen Presotto com *O Lápis*, expõem suas sensações e experiências, dão significados decorrentes de uma elaboração íntima do exercício da leitura e de transmissão para a escrita.

A escolha do tema, é certo, limita o modo particular de descrever o conto. Ou seja, no momento que expressam conhecimento, encontro o ponto de escolha pessoal, que me reverte na ação do presente. Toda ação, para mim, significa a revelação do pensamento.

Uma vez que o motivo escolhido é o mesmo pelos autores, a inspiração é diferente, o ponto de vista é diverso,

porque a vivência serve de base para a criação, como *O Lápis* de Carmen Presotto, "... as correções dos textos românticos e desculpa-se pela repercussão negativa de seu suicídio. Não incentivar^á jovens e coloridos lápis a uma síndrome existencial. Eles que façam suas histórias. Solta um ai retorcido para cair de lado e salvar sua ponta... Sobrevivente, aguarda confiante uma faxina de sexta-feira que o remeta ao ninho. Imagina-se logo nas alturas, atrás de uma orelha ou traçando sonhos coloridos..." e *O Lápis nas Veias*, de Cláudio Arcanjo, "Sentia um frêmito, espécie de rabisco a enovelar-se em sua carne, lampejo de linhas a entrar por entre seus músculos, tomando-lhe o sangue, invadindo-lhe a mente, uma teia de palavras...E escrevia um mar de letras, páginas e mais páginas, como um êxtase... Um vício que poderia fazê-lo imortal, pois tinha lápis nas veias e papel no colo..."

Fixo minha leitura nesses contos e fico fascinada ao ver as diferenças no mundo da imaginação. A liberdade oferecida por Carmen e Arcanjo tem a intenção de tornar o encontro vivido pela mente de cada um, onde a liberdade é referência para a imaginação que busca o inesperado. Encontro arte e, desse modo, creio serem autores importantes como elementos determinantes na construção do pensamento: na literatura como cultura.

FIOS que tecem

*"o poeta fia o mundo / no casulo da linguagem //
qual bicho-da-seda / se alimenta / de palavras."*

(Luiz Otávio Oliani)

Quem nunca se perguntou como os escritores conseguem tecer palavras com fios sedutores? O trunfo é revelar os pensamentos para conquistar a página em branco. Nas palavras de Luiz de Miranda, *"De repente aprendemos / que as palavras sozinhas / não tecem a poesia / que só podemos tratá-las / ao calor da vida / e mesmo da melancolia / retiramos o mel da esperança."*

Cada escritor é um universo que se apresenta no tecer os fios: o diferente é interessante. Ao permitir-se a tessitura dos fios do pensamento, expressa livremente seus sentimentos, prendendo a minha atenção, como no poema *Fios Retorcidos*, de Carmen Presotto, *"Se escrevo, é para um dia renascer. // ...Sonho desvendar segredos... / juntando meus pedaços, / parecerei inteira... / Enquanto um finge, o outro eu vive. // Um dia / Palavras cruzadas / Fios torcidos..."*; *Fio de Prumo* de Maria H. Latini, possuidora do fio das palavras no tecer poesia no prumo de onde mostra a realidade e os

sonhos, em ajustamento exato. E, Nilto Maciel, em *Menos Vivi Do Que Fiei Palavras*, tece o fio da arte em crônicas que revelam o cotidiano de escritor.

Reconheço nos escritores, pequenas nuances do dia a dia, como quando ouvia *que a palavra valia mais do que um fio de bigode*; segundo Gabriel Garcia Marquez, "*Dou valor as coisas, não por aquilo que valem, mas por aquilo que significam.*"

Rompo com o padrão do sentimento, agrego o telefone sem fio e me surpreendo com o poema de Pedro Du Bois, "*O telefone é um objeto através / do qual as pessoas desatendem: / o telefone é o ícone / do objeto que sofre a dor / alheia: o chiado, as descargas, / a mudez temporária e o fato / de não se receber qualquer chamada / faz parte do sono do aparelho...*"

Mesmo na contramão, sigo a pista de obstáculos; como o fio de luz desencapado que vejo em Rodrigo de Souza Leão, "*Pânico no circo / aladas têmporas / ...volts em volta / Eletrodos todos...*"

Sonho que não preciso andar sobre o fio da navalha, enquanto Max Martins tece, "*Eu / sou frágil / embora ágil sobre o arame: // Por um fio te envio (viaja) meu lírio... // Tu / também és frágil ... // Por um fio teu laço chama, meu rumo ateias. Teces...*"

Palavras tecem momentos de riqueza literária, compõem vários tipos de fios: *Fios da Esperança*, em Shakespeare, "*Não tem outro remédio o miserável senão a esperança. Preparado para a morte, espero a vida.*"; *Fios da Lembrança*, com Dante Milano, "*Esqueço-me dos anos e dos meses, / E dos dias, das datas. Mas às vezes / Lembro-me de momentos.*

// ...Lembranças, não antigas, mas presentes. / Lembranças, não saudades, as ausentes. // ...Lembro-me antigamente do futuro..."; Fios de Fabular, de Denis Radünz, "O fio de fabular a fala / espuma na infância e fale / em flor de falhas: / fia o fóssil do afã e inflama / o fiapo de fábula..." Busco na vida o complemento para adocicar as conquistas pessoais, encontro calda em fio e fios de ovos, " Palavras doces / edulcoradas frases / adocicados parágrafos //...açucarados livros..."

Os fios vêm dos poetas quando tecem detalhes da vida, como em *Fios de Luz, aromas vivos*, soneto de Jorge Tufic, "Venham os fios de luz pata tecê-la, aromas vivos para senti-la, às palavras do filho descrevê-la, proferi-la".

Ancoro a vida para tecer palavras ao marcar presença pela autenticidade. O ponto expõe novo ângulo onde a vida fica por um fio, com o dom do mistério e emoção ao revelar as palavras de Ronaldo Monte, "Da vida por um fio / a morte tece seus panos..."

MÁSCARA e mascarados

*"Brasileiro é alegre, um ser
dotado de musicalidade incrível"
(Bibi Ferreira)*

Carnaval é a festa onde temos a oportunidade de fantasiar histórias reais, pelo menos por alguns dias, fazendo do mundo em que habitamos um mundo encantado. Aproveitamos o carnaval para descobrir momentos e passatempos com pessoas alegres, dançando e fazendo dançar nossas fantasias.

Chico Buarque em *A Noite dos Mascarados*, de 1967, canta o tema para brincarmos sem medo no carnaval, fugindo da determinação da vida e permitindo-nos viver o nosso querer e o colocar na passarela. *"Quem é você // ... hoje os dois mascarados // ... Mas é carnaval / Não me diga mais quem é você // ... deixa o dia raiar / Que hoje sou eu / Da maneira que você quer / O que você pedir / Eu lhe dou / Seja você quem for..."*

A máscara esconde o tempo e o transforma, muitas vezes, em passado inesquecível, retornado em horas que chegam ao carnaval em plano pessoal, o que motiva, desa-

fia e ainda diverte, como retratam Zé Kéti e Elton Medeiros: *"... É só nos carnavais / encontrava-te sem encontrar este teu lindo / olhar... / na esperança de que tivesse esta máscara / que sempre me fez mal / mal que fndou só / depois do carnaval."*

Os mascarados encontram inspiração para reinventar os dias de carnaval em cores de alegria, como símbolos da criação, como Carybé, um dos pintores que melhor retratou a beleza da alma e da vida baiana, sempre presente na arte popular. Também em Romero Brito, que através da sua arte alegre e colorida, criou personagens inspirados no carnaval do Nordeste e do Rio de Janeiro. Assim, inspirado, Francisco Alvim descreve, *"Carnaval // Sol //...O mundo, uma fantasia..."*.

Os mascarados fazem do carnaval o espaço para se sentirem livres e transformarem aqueles dias no embalo pelas passarelas, durante os desfiles. O sucesso do carnaval reside na insistência e no prazer em participar e estrelar com personalidade e talento que, muitas vezes, falta nos dias comuns. É preciso ter vontade e coragem para ser carnavalesco, no entanto, com as máscaras, tornam-se desconhecidos para quem tudo se torna permitido: novos amigos, novos passos, muita purpurina e plumas, como na marchinha de Zé Kéti e Pereira Mattos, *"Quanto riso, oh / Quanta alegria //... Na mesma máscara negra / que se esconde teu rosto / eu quero matar a saudade / vou beijar-te agora / não me leve a mal / hoje é carnaval."*

escrever com estilo: CARTA

*"Escrever é partilhar. Partilhar ideias e impressões."
(Jorge Xerxes)*

A carta é meio para expor ideias com palavras através da emoção. É a comunicação escrita no *tom da voz*, com sentimento formado e manifestado através dos fatos. Vera Casanova questiona, *"...O que move esse escrever? / O silêncio das coisas, / Os objetos a nos dizerem seus risos e dores / O sopro que anima as veias das palavras. / Que posso eu dizer das coisas que faço?"*

O estilo no escrever cartas é produto da cultura, ou seja, do desenvolvimento da consciência que naturalmente se forma em prosa. A palavra reflete na frase a emoção, o pensamento define e busca certo dizer, mesmo que de forma desordenada. Cartas são pequenos parágrafos privados, como encontro no trecho da carta de Octavio Paz a Gerardo Mello Mourão -1999: *"Sua poesia não só me revelou uma paisagem humana e verbal, como também me levou ao desejo de conhecer sua prosa..."*, e de Octavio Paz a Emir Rodriguez Monegal (19/04/1967), *"Caro Emir: Respondo a sua última carta... Não, não posso mandar-lhe nada para o número so-*

bre erotismo. Desde vários anos penso escrever um pequeno livro (ou seja: um ensaio longo) sobre o amor (o que não é para mim, o mesmo que erotismo)...”

Escrever cartas é atitude pessoal; desafio e consolo para muitos. Respondê-las é buscar o próprio caminho como necessidade da auto realização. Sentir prazer ao optar pelo papel como intermediário. Como na carta de 05 de julho de 1914, de Sá Carneiro, *“Admirável o que hoje me chegou do Álvaro de Campos. Não me entusiasma tanto como a primeira ode... A ode de hoje é admirável, portanto, belíssima - ...”*

Cartas são escritas em vários tons: alegre, desesperada, pedinte, amorosa, entre tantos, no sentido de que é instrumento para expor sentimentos. É marcada pela espontaneidade refletida na harmonia natural da alma que (de)libera a mente através das palavras; assim, na carta recebida por Lya Luft, de seu amado, em 1991, *“Se eu te ajudar a crescer / isso tornará minha vida importante / e lhe dará sentido enfim”*.

A troca de cartas é atitude íntima e por vezes ousada. Através dela obtemos o prazer de estar a par dos assuntos pessoais, como em Verônica Aroucha, *“... meu papel está em branco / esperando a tua carta de amor. / ...A folha ficará em branco / estarei aqui no porto – sentada esperando –... / Uma carta...”*

A carta tem passado, mas continua vigorando no presente. De fato, apesar da tecnologia, mantém seu valor. Em geral, atende aos anseios e desejos de cada um. É questão inevitável, quando reconhecemos a importância de se receber uma carta. Mário Faustino sobre o seu único livro publicado em vida, *O Homem e sua Hora*, em carta para

Benedito Nunes, adverte: “*Se publicares, cuidadíssimo com a pontuação. Além das iniciais maiúsculas dos primeiros versos e dos problemas de pontuação, esta primeira versão é diferente daquela publicada no livro*”.

Não há sobre o que não se possa escrever numa carta, desde que seja a representação de nós mesmos, como em Jorge Elias Neto, no poema *Carta de um jovem ao poeta Nietzsche*.

Reencontro no receber cartas a satisfação que, também, é forma de alçar voo pelo reconhecimento do meu trabalho. Com alegria recebi cartas dos escritores Jorge Xerxes, Luiz Coronel, Inocêncio de Mello Filho e do menino Davi Kurz Schünke. Não há dúvidas de que cartas sinalizam o modo de vida ao contribuir e fortalecer a nossa relação e, ao mesmo tempo, propõem buscar essa transformação em nós, como em Carlos Nejar, “*Aventura humana: a esperança //... A chegada de uma carta...*”

Escrever cartas hoje é atividade pouco incentivada, mas não descartada, até porque ela dá espaço para a expressão autêntica, movida pelo desejo de preencher os próprios *buracos afetivos*. Portanto, a resistência contra escrever cartas, nos padrões atuais, se dá pela falta de tempo e pelo mundo virtual, que as tenta substituir pelas *redes sociais* e mensagens eletrônicas. Horácio Costa diz, “...*Escrevo e o rio em mim se banha*”.

a CAIXA

"A magia da caixa é transformar qualquer momento numa história." Quando li esta frase me ocorreu que ao longo do tempo fui descobrindo a importância da caixa, como algo que se repete na memória: quanto consigo guardar e reconhecer no que ela me coloca, ou não, em sintonia com os sentidos.

A caixa é a previsão de quem busca o objeto, para guardar o tempo, lembranças, poemas, cartas e fotos. Ela representa os segredos, incertezas e histórias. Sendo inédita e inesperada, supostamente, está envolvida em alto grau com os sentidos de quem faz da sua existência o manual de procedimentos da vida em pleno criar. Francisco Alvim mostra o seu momento criativo n'*A Caixinha do Saber* e na *Caixinha de Segredos*; Sérgio Napp amplia a ideia no seu livro *Caixa de Guardados*. E Índigo em seu livro infanto-juvenil, *Caixinha de Madeira*, faz relatos (1697 a 2001) em cartas sobre o outro lado da história de *Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida*.

Quando pego a caixa, penso encontrar o novo e acredito que ainda posso criar enquanto mexo e remexo, até misturar o tempo das palavras e me sentir convencida de que ela me leva à reflexão. Destaco olhares para as caixas dos poetas,

no poder construir a imagem onde a poesia se contrapõe à rudeza da realidade e, ainda, guardar em cada caixa o tempo necessário para que os efeitos das palavras, em cada autor, possam ser transformados em nova potência. Como em Fernando Pessoa, segundo Ivan Teixeira, *“que publicou pouca coisa em vida, mas deixou enorme quantidade de inéditos num famoso baú, de onde os estudiosos vêm abundantemente extraindo surpresas e mais surpresas”*. Donaldo Mello, em *“Caixa de Bordado // guardados sem utilidade, lembranças apenas: /... um santinho-mensagem... // Lembranças com utilidade, guardados apenas: / muitos botões solteiros, botão de osso... // meadas em tons diversos: arco-íris na caixa. // O caos da caixa se encaixa: / em tardes soturnas, domingos vazios...”*

Na caixa observo o que gosto; peço o conteúdo com a sensação de que é o meu modo pessoal e, muito possivelmente, como sou. Sob todos os conceitos a caixa é o resultado, contraste entre a posição das imagens tendência e estilo; equilíbrio perfeito entre o desejo de lembrar e o que deixei para trás: memória e sentimento. Mais que tudo, sei da magia e a reconheço, porque representa a história. Marina Ferreira descreve, *“No chão do quarto, / espalhados... brinquedos. / No baú jogado ao canto, / guardados... segredos”*

Quando finalmente a memória cristaliza a lembrança, defino e reconheço o valor sentimental da caixa, como Carmen Presotto revela no livro *Encaixes*: *“... Encaixar minha vida em mágicas caixas / descreir certezas / e / desconectar // ... Desencaixo... loucura de viver”*.

CARTÃO de natal

O Natal é lembrado através de vários sinais; entre eles, destaco o cartão, que expressa os nossos sentimentos. Sendo tantos sentimentos presentes é difícil imaginar o Natal sem ele.

A introdução do cartão de Natal se deu na Inglaterra, por volta de 1845, através do artista W. C. T. Dobson que, no Natal daquele ano, enviou aos amigos litografias como mensagens e felicitações alusivas ao evento. O cartão foi criado com a finalidade de expressar o pensamento através de mensagens que representam o sentimento natalino.

Trocar cartões no Natal é forma gentil e elegante de desejar boas festas aos amigos. Até hoje exibo os cartões recebidos; uma maneira de demonstrar o quanto gosto de receber as mensagens dos amigos e parentes, como demonstra Ivo Gomes de Oliveira, "*Feliz Natal / /... Que a harmonia seja sentida / No instante vivido / No poema da vida...*"

Minha contribuição cultural vai além, procuro conhecer e respeitar as regras existentes para o envio e o recebimento dos cartões, no que conto com as especialistas, Maria Ana Forbes e Cláudia Matarazzo, que mostram a forma correta de enviar e retribuir os cartões, evitando cometer gafes. Elas aconselham que o envio do cartão seja feito

a partir do dia primeiro de dezembro e até dez dias antes do Natal. Os cartões devem ser remetidos apenas para os familiares e os amigos próximos. É importante responder a todos os cartões, mesmo os recebidos na antevéspera do Natal. A mensagem de retribuição vale até quinze de janeiro e não deve ser feita via telefone e internet..

Ao receber o cartão percebo a vida num outro patamar das demonstrações de carinho, de amor ao próximo. As palavras causam-me as melhores intenções, são sensíveis ao olhar e nelas acredito. A magia do Natal está nas palavras que iluminam nossos corações.

Com as palavras percebo o quanto elas me encantam; no Natal abro o coração ao sentir a alegria e a união. Ainda, acolho e compartilho com o próximo o segredo de amar de maneira sincera e desinteressada; antes dar para depois receber. Invisto na cultura e tradição natalina para iluminar, ainda mais, o todo em todos, como em Giuseppe Ungaretti, “... *Acolho este / dia como / o fruto que se adoça...*”

SÍMBOLOS do natal: de onde vêm essas tradições?

Decorar a casa com arranjos natalinos é demonstração de carinho para com os familiares e os amigos. As crianças, desde cedo, aprendem a cultivar essas tradições. Escolher e montar os enfeites são momentos de reunião e magia. Mas, de onde vêm essas tradições? Sandra Siciliano, estudiosa da simbologia, diz que os objetos e adereços têm significados especiais e explica as origens dos sinais marcantes do Natal: **Dezembro:** o solstício de inverno (no hemisfério norte). A estação representa o começo do ciclo e a preparação para o nascimento do rei sol, que traz a luz. **Árvore de Natal:** eram utilizadas para reverenciar as divindades, na mitologia grega. Conta a lenda que havia três árvores próximas ao presépio: uma oliveira, uma tamareira e um pinheiro. A oliveira oferecia azeitonas; a tamareira, suas tâmaras; mas o pinheiro não tinha nada para ofertar. Lá do alto, as estrelas desceram do céu e pousaram sobre os galhos do pinheiro oferecendo-se como presente. **Velas:** o fogo é usado por diversos povos para exorcizar os maus espíritos. **Guirlandas:** representam a mandala, diagrama de círculos e quadrados, considerada a chave para que o homem se conscientize das qualidades que o pendem ao eterno ciclo de nascimento

e morte. **Folhas:** o azevinho simboliza o flagelo de Cristo; o visco e a hera eram considerados plantas mágicas pelos druidas, antigos sacerdotes gauleses e bretões, porque se mantêm verdes em pleno inverno. **Estrelas:** simbolizam a luz permanente. **Presentes:** durante as festas em honra ao rei Saturno, dos romanos, em dezembro, eram distribuídos presentes ao longo do mês. **Cores:** o ouro e os metais dourados são associados ao Sol. O verde é a renovação, cor que tem o poder de regeneração e de se transformar em energia vital. O vermelho está associado ao fogo e ao amor divino. **Papai Noel:** o ancestral do Papai Noel é São Nicolau, que foi bispo de Myra, no século IV. Era homem bondoso que se comprazia em presentear os pobres. Foi o cartunista Thomas Nast, no século XIX, quem criou as feições rechonchudas e o figurino que conhecemos hoje. **Cartões de Natal:** foram impressos pela primeira vez na Inglaterra, por volta de 1845, pelo artista W.C.T.Dobson. No Natal daquele ano, ele enviou aos seus amigos litografias com mensagens de felicitações. **Presépio:** o verdadeiro significado do Natal retrata o nascimento de Jesus.

As tradições natalinas enfeitam as festas com o toque dos arranjos, transformam a casa em espaço mágico. No Natal reúne-se a alegria e a celebração que encantam o mundo. Cada pessoa, cada família comemora o Natal através desses símbolos que, em poucas palavras, demonstram que o Natal é reflexão. Natal é espírito lúdico. Natal é encontro marcado. Natal é dar e receber. Natal é paz e alegria. Natal é amar e ser amado.

VALISE: significados

Valise: mala de mão

Valise: difícil chegar

Valise: difícil voltar

Valise: sonhos

Valise: tantos planos

Valise: procurar resposta onde não há pergunta

Valise: segredos acobertados

Valise: amigos a encontrar.

São tantos os significados atribuídos à valise, que giram em minha vida como eixos, sem ter certeza do reencontro. Por vezes giram sobre tortos eixos em vidas toscas, não permitindo voltar o olhar.

Nos sonhos me revelo em repetições, misturando significados e valises, que passaram pela minha vida. São tempos de mudanças, atropelando ritos e me deixando perplexa, sem saber o que fazer. Perco o presente, comprometo o futuro em malfadadas valises. Olho adiante, para onde vou? Então, resolvo transformar a lembrança em contatos concretos em que irei me encontrar.

Mas, ao mesmo tempo, são de tantas cores as valises, que chegam até mim como luzes indiretas e algumas atingem a neutralidade das cores, levando-me a perceber

a solidão do roupeiro vazio e no corpo sentir a aspereza da “ressaca”. Segundo Eduardo Alves da Costa, “... *Para onde vou não sei. Só sei.../ Levam-me o impulso, a inércia, / e já é túnel meu destino...*”

a VALISE das Alices

O que Alice Brueggemann e Alice Soares levavam em suas valises? Abro-as e descubro que são duas personalidades que se destacaram a partir dos anos cinquenta no cenário da pintura e do desenho, lado a lado. As Alices que, com muitas afinidades, completaram trinta anos de convivência artística no mesmo ateliê.

Em 1957, montaram o ateliê denominado “Aliciano” pelo pintor Ado Malagoli.. Naquela época, em Porto Alegre, não havia galerias de arte e tão pouco os trabalhos eram comercializados; daí, surgiu a necessidade de se agruparem, passando assim a conviver com suas novas perspectivas.

Dentro da valise de Alice Soares descobri que ela se encaminhou para o desenho em crayon e pastéis. Seu tema foi sempre a “criança universal”. Ela as retratou revelando a sua preocupação com a figura da criança. Soares achou a síntese no desenho com força expressiva na maturidade alcançada. Seus desenhos traduzem seres vivos, porém, não retratos, mas, vindos do pensamento e de muitos ensaios.

Na valise de Alice Brueggemann vi que ela se dedicou à pintura a óleo com figuras humanas, paisagens e naturezas mortas. Pintava vários quadros ao mesmo tempo e nunca pensava na cor em si, mas, quando limpava os pin-

céis, no final da obra, via a predominância do verde. Ao olhar a sua obra, dizia: *“Sou extremamente irrequieta e no meu trabalho vejo uma tranquilidade que não sei de onde vem. Quem vê, parece uma planta.”* Sua filosofia foi de sempre estar “fazendo” quadros, mantendo a emoção e os sentidos em ação. Tinha por lema recomeçar, mesmo com as dificuldades e as guerras que envolvem o ato de criar.

Ado Malagoli revelou sobre as valises das Alices: *“Refiro-me as duas Alices, a Soares e a Brueggemann. Seu movimento artístico no nosso Estado (RS) possui características originais, com vida espiritual e processos próprios de desenvolvimento; muito se deve ao ateliê aliciano. Outros valores consagraram como um recanto de desenvolvimento artístico e cultural, frequentado, como sempre foi por artistas e intelectuais... que enriqueceram sobremaneira a cultura artística do nosso Estado (RS)”*.

As bagagens das Alices mal couberam dentro das suas valises, pois, surpreendem-me com suas imaginações, de onde trouxeram seus sonhos, suas inspirações na pintura e no desenho. Essa surpresa impôs às telas a força das Alices e, através da beleza de suas obras, que expressam emoção e sensibilidade, encontro o prazer com que suas valises ultrapassaram as fronteiras; hoje suas obras são encontradas nas mais diversas galerias e museus de artes plásticas.

VALISES

Bagagem que leva vidas.



*“...humanizamos as coisas e os objetos,
até que eles se confundam conosco e
nos integrem em novos mundos...”
(Pedro Du Bois)*



a VALISE amarela encantada

A valise amarela era onde carregava tudo das crianças, enquanto bebês. Hoje, foi transformada em biblioteca ambulante e, por isso, encantada e indispensável na vida de Júlia e Luísa.

As crianças sonham, suas imaginações se apresentam em diversas situações, sendo uma delas no hábito pela leitura dentro dos seus desenvolvimentos infantis.

Júlia (4 anos) e Luísa (2 anos) carregam sempre a valise amar(ela) para todos os lugares. Ela é pequena, mas repleta de obras, como os clássicos da literatura infantil, onde Luísa, ao ouvir a leitura d'O Soldadinho de Chumbo, cria novo rosto, muda o personagem, e o chama de A Bailarina de Chumbo. Ou as princesas que encantam a vida de bailarina da Júlia. Os contos do Fundo do Baú, Fábulas de Ouro e as histórias de Monteiro Lobato.

Júlia e Luísa são donas de imaginação que vai às alturas, incorporam os super-heróis em cada momento. Quando lhes conto uma história há trocas emocionais e, nessas ocasiões, verifico a boa influência da valise amarela em suas vidas.

Na valise encantada encontro, entre tantos escritores, esses que são mágicos, onde tudo é motivo para a criação, como: Ruth Rocha, que faz uma arte entrelaçada; Ana Maria Machado, *Eu era um dragão*; Maria Clara Machado, palavras novas em estilo simples e claro, com divertido ritmo, *Lila e Sibila na Praia*; Cecília Meireles, *Isto ou Aquilo*; Tatiana Belinki, *Limeriques*, histórias contadas em cinco linhas, ritmadas e bem maluquinhas. Ainda, Ziraldo, *A letra N e o nascimento da Noite – A noite é o casamento / da letra N e de Oito...*; Carlos Nejar, *As águas que conversam – “Andar em roda / gigante / no tenro alpendre / das ondas...”*; José Saramago, *A maior flor do mundo – “Era uma flor... E como este menino era especial de história, achou que tinha que salvar a flor...”*; Chico Buarque, com seu *Chapeuzinho Amarelo – “Tinha medo de tudo, ... Ouvia conto de fada e estremezia. Depois, acabou o medo e ele ficou só com o lobo...”*; Gabriel Garcia Márquez, *A luz é como a água – “Totó me perguntou como é que a luz acendia, só com a gente apertando um botão... A luz é como a água – respondi – A gente abre a torneira e sai...”*

A valise amarela é poderosa porque contém esses e tantas outras obras consagradas na literatura infantil. É sinfonia que contagia Jú e Lu a participarem dessa viagem sem fim que é ter a vida como palco.

Elas leem, brincam e conversam com os livros e seus personagens. Fazem da sua casa o picadeiro onde cada uma apresenta a sua atração. Arregalam os olhos e deixam o coração e a emoção, outra vez, rodopiar no circo da imaginação, como passarinho a bater as asas em uma orquestra. Além de se divertirem, a fantasia faz com que elas com-

preendam e aceitem o mundo em que habitam e aprendem a lidar com as “bruxas”.

Luísa e Júlia não estão apenas carregando a valise amarela encantada, estão, através do lúdico, aprendendo a viver e a conviver. Saramago pergunta: *“E se as histórias para as crianças passassem a ser leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?”*

VALISE: os DIÁRIOS de Virgínia Woolf

Espio sua valise e encontro o livro *Os Diários de Virgínia Woolf*, que foi o seu último trabalho, póstumo, a vir a público, em edição integral, em 1977. É boa leitura e boa literatura; apesar do título é obra ficcional. A autora quis que ele fosse *"uma espaçosa mochila, onde a gente joga uma grande quantidade de miudezas sem nenhum critério..."*

Seria pedir demais que Virgínia Woolf se limitasse aos fatos, documentando o seu cotidiano, pois, no *Diários*, o que importa é a maneira como foi escrito; como era a sua convivência com a nata da intelectualidade de seu tempo. Ao descrever essas personalidades ela sempre pensou em utilizá-las como pretexto para compor tipos, e não em as retratar. Para Marília P. Fiorillo: *"Virgínia Woolf não precisava contar o que sabia no livro que escreveu para si própria. Sua autobiografia é a sua escrita"*.

Virgínia é uma das mais prodigiosas escritoras da língua inglesa; Pedro Du Bois a homenageia em sua grandiosidade e finitude, através do poema *"Águas para Virgínia"*: *"Houve razões para você entrar / no rio e submergir em suas águas / escuras maneiras de dizer adeus / o corpo descoberto encoberto preso ao fundo / pedra lapidada ao extremo da*

*consciência / passos decididos um após o outro / sem arrepen-
dimento ou sofrimento a morte / se apresenta com seus fan-
tasma zombam / da nossa fraqueza e no que riem alentam /
as forças com que nos apagamos e seguimos // fria a água que
acolhe o corpo na entrada / e se desdobra na frieza da alma
trazida / pela vida mínima e o olhar absorto morto / ultrapas-
sado em sua disposição de estar viva // houve razões para que
a água cobrisse / a imagem refletida na entrada / como pedra
submergisse e no fundo / o lodo galhos retivessem a última /
vontade em que se transfigurou a sua face.”*

a VALISE e eu

Lembro-me de situação acontecida há trinta anos que me deixou de *saia justa*. Meu marido chegou em casa depois do trabalho e, cansado, irritou-se facilmente comigo. Fiquei muito magoada e comecei a *gritar* uma série de cobranças para *cima* dele: de quanto eu também estava cansada e precisando da sua companhia. Claro que ele retrucou, dizendo que botava comida dentro de casa, que pagava as contas e por aí afora.

Ofendi-me. Fui até a área de serviço e peguei a escada para alcançar a minha valise. Coloquei-a sobre a cama e pus dentro dela o que tinha de mais importante para mim; o que me lembraria dele ou levar um pouco dele comigo para quando longe estivesse. Aos prantos arrumei a valise. Ele, assustado, pedia pelo amor de deus (era ateu) que eu não fosse embora. Tentava tirar a valise das minhas mãos, mas, o meu amor era muito maior, pois, pensava que indo embora, ele poderia ser feliz. Levaria a vida do jeito que quisesse.

De valise em punho, ainda aos prantos, andei rapidamente pelo corredor fui até a porta de saída. Bati a porta. Do lado de fora, apenas a valise e eu. Logo pensei: e agora, como faço para ir embora? Não sei sair da cidade. Então, voltei e perguntei: por favor, como faço para ir embora? Ele

disse, dê-me a valise e não vá. Fique comigo. Assim que o vi com aquele olhar carinhoso, meu coração encheu-se de alegria. Beijamo-nos. Reencontramo-nos. Lá fui eu desfazer a valise, com alegria.

Até hoje tenho guardada comigo a valise. É lembrança da minha felicidade – a de ter voltado, ter acreditado no nosso amor. A valise é o objeto que faz parte da minha história. A valise e eu somos cúmplices da vida.

Hoje, penso, será que a juventude sabe o que é uma valise?

mamãe e sua VALISE descolorida pelo tempo

para mãe Annita

Diante da valise descolorida pelo tempo, lotada de lembranças, decido descobrir sobre mamãe. Encontro perguntas que ocupam o coração e não podem se espremer dentro da valise, sobre o que é o tempo...

- perto da grandiosidade do seu coração?
- perto da mãe incrível que distribui generosidade?
- perto do carinho e atenção que dedica?
- perto das escolhas que faz para viver em paz?
- perto do acordar com alegria, iluminando vida?
- perto da sua preocupação para com a família?
- perto do que acredita e me repassa?
- perto da sua lealdade e honestidade?
- perto do seu ídolo Chico Buarque: *"mulher vou te dizer o quanto te amo, cantando a flor / que nós plantamos"*?
- perto dos preferidos Mario Quintana e Paul Auster?

Nas palavras de Noélio A. de Mello, *"o tempo nos conta o que não queremos esquecer"*. Então, brinco enquanto remexo em seus objetos que revelam as faces do tempo,

porque o tempo significa a vida – o presente do passado na memória, o presente do presente no sentimento e o futuro na procriação.

Sigo remexendo na valise e encontro duas caixas desbotadas e logo penso em abri-las, mas Lindof Bell alerta que "*Os cadeados / que o tempo carrega / carrego dentro de mim...*" Tenho de abri-la para fazer valer o meu desejo: a caixa amarelada mostra que o melhor sobre o tempo é que ele acontece apenas uma vez, e me diz que a mãe é a responsável pelas mudanças, é a alma do tempo. Ela faz refletir sobre a minha trajetória, lembrando o que sempre ouvi: não espere a mudança, seja a mudança. Na outra caixa avermelhada vejo e digo: mãe, seu tempo é hoje! E o meu recado é o que Cora Laus deixou, "*O belo é sentir o hoje*".

Estar com a minha mãe é comemorar o amor, partilhar da sua sabedoria e experiência, para realizar meus sonhos. Faço minhas as palavras de Luiz Delfino, "*... é a mulher que me enleia e fascina, / É a mulher que eu chamo, / Entre todas gentil, é a mulher divina, / É a mulher que eu amo*".

a VALISE de Abelardo da Hora

Abelardo da Hora foi grande artista pernambucano. Sua obra é universal e traduz muito da alma do povo brasileiro. Abelardo *de todas as horas*, porque suas esculturas brotam do cotidiano, da fala das coisas comuns. Ele transmite em suas obras o espírito de luta, com vigor expressionista, tendo influenciado o início da carreira de Francisco Brennand. Na sua valise encontro a força ritmada dos movimentos cristalizados em traços simples de gestos rápidos e incisivos, como as esculturas: “Hiroshima” e a série “Meninos de Recife”.

Abelardo retrata a beleza explícita, reproduz em suas esculturas a realidade que está na nossa frente e não a queremos ver. Ele, em algum dia de sua luta, escreveu o poema “Meninos de Recife”: *“São habitantes anônimos / dessa cidade alagada, / de limo e pedra formada / sob marés / submersa // ... são apenas habitantes / dessa cidade alagada. / Atirados sobre a lama. / Sobre as marés da desgraça.”*

Lutas que travou com o barro, espátulas e enormes formas de gesso. E, através da obra “Meninos de Recife”, com sua espátula em punho, transformou a angústia em esculturas, mostrando ao Brasil que eles precisam da esperança por dias melhores.

Segundo Francisco Brennand, seu aprendiz: *"A contribuição de Abelardo da Hora, a partir de 1942, foi decisiva no sentido de que, pela primeira vez, essa criação caía nas mãos responsáveis de um verdadeiro artista coberto de talento e criatividade."*

Ao abrir a valise de Abelardo da Hora descobri que, aliado a um estilo de vida, fez muito pelos "meninos de Recife", tendo, assim, desempenhado importante papel na sociedade brasileira.

desvelando a VALISE de Pedro Du Bois

"Sento e escrevo / penso no que escrevo / no que não consigo escrever. // Minha vida segue / indiferente aos meus escritos. // Releio o texto / procuro encontrar / tudo o que sinto. // Minha vida para".

Desvelar a valise de Pedro Du Bois é estar embebido de poesia. É me sentir engajada em como o poeta vive a sua vida na literatura. Em outras palavras, é cantarolar, suspirar arte, cuja beleza vejo traduzida em cada poema.

Du Bois se redescobriu escritor com expressões sedutoras que designam seus poemas: *"A mão risca as palavras e delas me alimento na avidez com que sou consumido em vida"*. Ele dignifica a poesia com sua capacidade de observar, estender o pensamento e o coração aos fatos, e os explicar à luz do homem.

Observar é processo diferenciado em que a poesia demonstra a beleza de que o registro é único ingrediente na sua escrita; é, em verdade, necessidade enquanto a observação se constitui na qualidade inata do pensamento ante os fatos. Como escreveu Manuela Dipp, *"A poesia de Pedro*

não espera por ele, nem Pedro penseiro espera a poesia. Eles simplesmente encontram-se num ponto lúdico de convergência. Pedro não brinca com as palavras, Pedro as entretém, nesse interminável jogo chamado literatura”.

O poeta revela o que sente no que participa. É onde o escritor se inicia com versos cortantes, palavras de reflexão formam uma narrativa poética forte e original: “*Não há / como roubar / o tempo / que não / nos pertence*”. Iva Mikalosky, ao retirar o véu dos poemas de Du Bois, cita: “*Nos poemas, Pedro abre o seu coração e seduz nossa imaginação, musicando e coreografando palavras, mostrando-se um criador que está em sintonia com o tempo*”.

Não me furto em dizer que a sua escrita é a da contundência, fluidez e precisão, não apenas pelo pendor da escrita sagaz e moderna, como se refere, “*Aprendi com Borges a bifurcar os caminhos. Ir e voltar. Não ir, e mesmo assim voltar*”. Ele consegue colocar ganchos que dão o que pensar, fazendo-me refletir sobre a importância dos problemas existenciais. Segundo Danilo Neuhau, “*Passear pelas gaiolas do Pedro é uma maneira de descobrir o poder das nossas asas e as razões do nosso triste canto. Passeando por esses versos vamos reconhecendo aqui e ali as gaiolas que nos cercam e que talvez um dia possamos abrir*”.

Seus textos permanecem porque Du Bois olha o ser humano sobre várias perspectivas, de forma semelhante, embora opte por retratar a vida, mostrando a força literária nos poemas, “*Em quais palavras / materializamos a espera? // E a angústia quanto espera? // O poeta sabe que as palavras / fazem melhor o esperar / enfraquecem a angústia / tiram a culpa / apressam o tempo. // De quantas palavras / seria feita*

a espera?”. As palavras de Pedro elevam o pensamento e me enriquecem com a sua poesia. Ela não silencia: fala. Como comentou Jorge Geisel, *“Com a tua poesia basta o silêncio, a reflexão como aplauso à obra”*.

reclame da VALISE Bildhauer

O publicitário faz o possível para focar a propaganda no que deseja vender e não desperdiça sua criatividade e segurança ao lançar um novo produto; por exemplo, o reclame que criei para a valise Bildhauer; produto, diga-se, fruto da minha imaginação:

A nova marca de valise – Bildhauer - leva ao mundo a ousadia estética e o compromisso social: investimento (em diversidade de cores, tamanhos, modelos e preços).

A valise Bildhauer é apaixonante e busca a permanente superação das concorrentes, objetivando transformar as viagens, passeios e encontros em elementos essenciais no dia a dia.

Aos poucos, a moda movimenta mais valores e curiosidade. De olho nisso, criei um manual de estilo de viagens para as pessoas bem sucedidas. Entre os destaques, a valise Bildhauer como perfeita receita: couro modelado.

Apresento a top de linha em termos da autenticidade do produto, ousadia e praticidade. Posso associar a expressão “Quando menos, é mais” e estou convencida de que isso é verdadeiro quando da aquisição de uma valise Bildhauer, porque a sua performance é diretamente influenciada pela relação entre tamanho e beleza.

O design da valise Bildhauer é moderno e prático; um pouco mais larga para acomodar os segredos do proprietário. Permite ao comprador um efeito além da simples suficiência; com pressão, permite viajar e andar “de cabeça para baixo” – viver na pura ficção; isso será possível... Tentar alcançar a vida que escapa pelos ponteiros dos relógios que insisto em adiantar.

Comprada a valise: vontade de viajar. Encontrar-se nas reflexões, sensações, instantes e recarga de energias. Descanso. Paz. Pausa. Nada complicado, apenas momentos em que me delicio com as recordações das últimas férias, do novo amor, do aumento de salário e do novo livro.

Onda? Na verdade, não se trata de moda, de algo passageiro: o hábito de usar a valise Bildhauer está instalado nas mais diversas partes do mundo. Especialistas dizem que o principal fator foi a tomada de consciência dos cidadãos a respeito da propaganda relacionada à praticidade em se levar uma valise: em tempos modernos a bagagem de mão, como é carinhosamente chamada, está em alta, porque facilita e agiliza os embarques e desembarques. Mas essa explicação não basta! Em todas as situações a valise Bildhauer tem a leveza de quem não precisa de outros efeitos para ser marcante. Esse o segredo do sucesso da valise Bildhauer: ela é cuidadosamente esculpida para você.



Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

